

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXV nº 1418 | 24/12/2017 a 02/01/2018

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

AGRONEGÓCIO

ANTÍDOTO CONTRA A CRISE

sistemafaep.org.br

Aos leitores

Chegamos à última edição do Boletim Informativo de 2017. Foram 46 edições durante o ano buscando levar ao leitor as notícias importantes do agronegócio e do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Algumas edições foram especiais, como esta que traz 48 páginas de assuntos variados. Começamos com a matéria de capa que mostra exemplo de produtores que fizeram a diferença para que o agro impactasse positivamente na economia brasileira.

Na mesma linha mostramos a mudança de rumo da pecuária paranaense que teve seu impulso no Programa Pecuária Moderna.

Numa entrevista exclusiva, o Coordenador da Embrapa-Labex Europa, Pedro Luiz Oliveira de Almeida Machado, fala sobre o futuro da agropecuária.

A matéria sobre os agroquímicos derruba os mitos populares sobre o tema. Enfim, uma revista recheada de assuntos, para uma leitura mais tranquila nesse período de recesso de final de ano.

Esperamos que apreciem a leitura. Aproveitamos para deixar nosso agradecimento, a você leitor, que caminhou conosco durante este ano sugerindo, apoiando e participando com suas ideias e opiniões. Desejamos a todos Boas Festas e um 2018 cheio de boas novas.

Feliz Agro 2018!

Expediente

• FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldatto, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Ciro Tadeu Alcantara e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | **Presidente:** Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

• BOLETIM INFORMATIVO

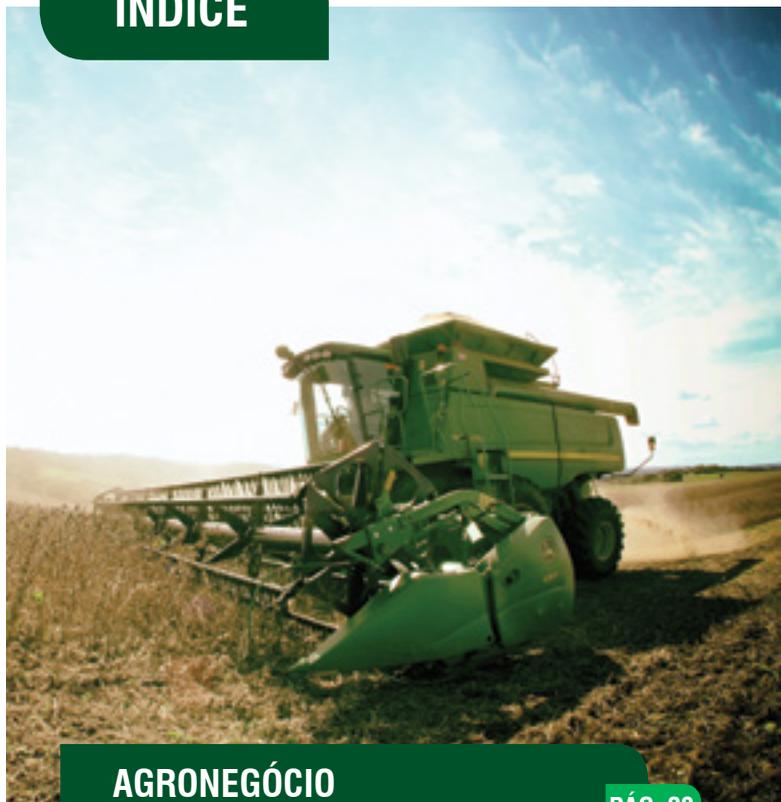
Coordenação de Comunicação Social / Edição: Cynthia Calderon | **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski, Carlos Guimarães Filho e Ricardo Medeiros | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuel | **Contato:** imprensa@faep.com.br

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1418:

Fernando Santos, Milton Doria, Shutterstock, Divulgação e Arquivo FAEP

ÍNDICE



AGRONEGÓCIO

Vence a crise e salva a lavoura

PÁG. 20

PECUÁRIA MODERNA

Programa do SENAR-PR eleva status da carne paranaense

Pág. 4

ENTREVISTA

Coordenador da Embrapa-Labex Europa
Pedro Luiz de Oliveira Machado

Pág. 8

DIESEL

Alta nos preços afeta custos de produção

Pág. 10

AGROQUÍMICOS

O desserviço da dissiminação de informações inverídicas

Pág. 12

SAFRAS

Como estão as lavouras do Paraná?

Pág. 18

Será que tem jeito?

Olhando para minha neta fico a pensar em que tipo de país ela vai viver. Será uma nação que aproveita as oportunidades para crescer e se desenvolver, como tem feito a agropecuária, ou o Brasil continuará sendo um lugar no qual se discute há décadas os mesmos entraves sem se chegar a soluções?

Nessa tarefa natural de balanço e planejamento que cumprimos antes de colocarmos o pé em um novo ciclo, considero que em 2017, com muito trabalho, conseguimos superar um ano difícil. Mesmo em condições adversas, no fim das contas, foi um período necessário. Foi um momento de parar, avaliar, planejar e tomar uma nova rota.

A vida é assim, não há vitórias sem lutas. E apesar de sermos exigentes quanto às expectativas de ano novo, se chegamos até aqui é porque vencemos.

Quando olharmos o passado, espero que este tenha sido um marco na história do nosso país. Que nos livros e nos pensamentos das próximas gerações o ano de 2017 seja apontado como o período no qual chegou ao fim a era da impunidade e da improbidade sistêmica que tanto nos envergonha.

Afinal, nosso Brasil é um lugar que deveria ser bom de viver. Temos recursos naturais inigualáveis e nosso povo é um exemplo de alegria, que se mantém mesmo em ocasiões como a crise que finalmente estamos deixando para trás.

O que precisamos mudar é esse ranço do Brasil onde tudo acaba em pizza. Não podemos mais ser o país do jeitinho. É urgente mudarmos esses valores enquanto sociedade para que sejamos vistos como um país sério.

Também não dá para ser otimista ao ponto de esquecer que perdemos muito economicamente nos últimos anos. Se o agronegócio manteve tantos indicadores positivos, foi com muito suor.

Agora, imagine se o cenário nacional fosse positivo? Se tivéssemos o mesmo apoio que governos de países desenvolvidos concedem aos seus setores produtivos, não iriam se referir ao Brasil como promessa de ser o celeiro do mundo, já seríamos o país do futuro.

Por outro lado, também não podemos ser ne-

gativos demais, porque isso nos paralisaria. Mais do que nunca precisamos reconhecer o esforço e a superação de cada um, que nos permite manter acesa a esperança. Fechamos 2017 com a certeza de que fizemos o nosso melhor.

Como exercício desse otimismo, acreditamos que as ações e reformas políticas iniciadas este ano terão continuidade. Além disso, num ano eleitoral vamos usar da força do voto nas urnas para acabar com a “velha” política, que nos fez conhecer o fundo do poço.

A esperança de que o amanhã será sempre melhor é o que nos move, o que nos motiva a dar mais um passo. Vamos, cada um trabalhando seus talhões com a competência que nos é peculiar, para passarmos pelos próximos 365 dias vendo germinar imensas plantações, de culturas e de ações para um futuro promissor.

Podemos fazer florir novamente a integridade, a decência e a honestidade.

Assim, a produtividade desse país será mais justa e igualitária e teremos um país rico, com uma população que possa usufruir de toda essa riqueza.

Ao voltar os olhos novamente para minha neta, penso que o futuro tem jeito, sim, e ele pode ser muito melhor. Isso só depende de nós.

Nesse espírito de perseverança, renovo minha gratidão a todos que caminham conosco, sindicatos rurais, lideranças sindicais, colaboradores do Sistema FAEP/SENAR-PR, parceiros e, claro, de forma muito especial, ao trabalhador e ao produtor rural que, com sua família, sempre será a razão de nossa existência.

São vocês que mantêm acesa a esperança de um futuro melhor.

Um Feliz 2018 a toda a família rural!

Ágide Meneguette,
Presidente do
Sistema FAEP/SENAR-PR



Do açougue à “boutique”

Com investimento em gestão e tecnologias relativamente simples, bovinocultores do Paraná provam que é possível fazer carne virar grife

Por Antonio C. Senkovski



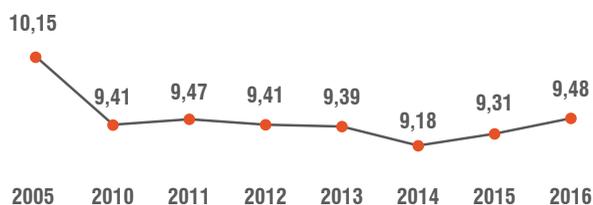
Se houvesse um desfile internacional para mostrar os produtos “de grife” do agronegócio mundial, o Paraná teria presença obrigatória em vários setores, seja por volume e/ou qualidade. Frango, suíno, seda, soja e milho são alguns dos exemplos dessa lista seleta. Fenômeno que em uma primeira análise parece longe de abranger a bovinocultura de corte. O Estado tem menos de 5% do rebanho nacional (ver gráfico na página seguinte) e é responsável por movimentar apenas cerca de 1% dos 5 bilhões de dólares anuais gerados pelo Brasil na venda de carne bovina ao mundo, segundo dado do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC).

Boa parte da explicação para esse desempenho contrastante repousa no fato de que o modelo majoritário para o negócio praticado a nível nacional exige grandes espaços para pastagens. Mas o Paraná possui apenas 2,3% do território nacional. Para uma leitura apressada da conjuntura, esse “percalço” pode causar a impressão de que

a pecuária de corte paranaense está fadada a ocupar um papel de coadjuvante no agro nacional. Mas o que a frieza dos dados nessa análise não mostra é um fenômeno que tem começado a mudar a forma paranaense de encarar a criação de bovinos, dando um novo fôlego para o mercado da carne estadual.

Em Nova Londrina, no Noroeste do Paraná, desde 1996 o pecuarista Sílvio Pires aposta em técnicas diferenciadas em relação à pecuária convencional extensiva. Na propriedade de 306 hectares, onde faz cria, recria e engorda, se fosse seguir o ritmo que dita o sistema majoritário na pecuária ele teria que ter em torno de 150 cabeças. O empresário, no entanto, consegue manter de 600 a 700 cabeças em um sistema que mistura piquetes em pastagens cultivadas e confinamento na terminação. O tempo médio necessário nesse sistema para que o boi atinja o peso necessário para abate 15 arrobas (450 kg) é de 12 meses, ou seja: três vezes menos que a média do Paraná

EVOLUÇÃO DO REBANHO NO PARANÁ (MILHÕES DE CABEÇAS)



EVOLUÇÃO DO REBANHO NO BRASIL (MILHÕES DE CABEÇAS)



(ver gráfico na página seguinte).

“Nós investimos constantemente para melhorar índices de produção, margem financeira e fertilidade do solo”, diz o produtor. “Nós perseguimos tudo o que podemos para nos tornarmos mais eficientes, com genética de produção e precocidade melhores, maior rotatividade de animais e uma série de outros parâmetros. O resultado é que conseguimos cada vez mais arrobas por hectare ao ano. Esse é um caminho sem volta, a atividade vai ter que se modernizar. Quem ficar parado vai seguir tendo prejuízo até não conseguir mais permanecer no ramo”, alerta Pires.

Além da evolução em índices de produção, que resultam diretamente em maior giro na atividade, quem investe nessa direção inovadora relata que consegue também aumentar o preço recebido pelo seu produto. Mário Zafanelli, de Alto Paraíso, no Noroeste do Paraná, tem 1,6 mil cabeças de gado em uma propriedade de 950 hectares, no sistema Integração Lavoura-Pecuária (ILP). Ele revela que é membro da Cooper Caiuá, de Umuarama, criada em 2007 para processar animais diferenciados e vender um produto nobre. O gado que sai da fazenda dele para a cooperativa tem um valor em torno de R\$ 5 a mais pagos por arroba em relação ao mercado tradicional de boi gordo. Isso sem contar que o aproveitamento das carcaças produzidas por Zafanelli está em torno de 53%, o que representa 2% mais que a média do mercado comum.

“Nós pecuaristas temos que mudar nossa visão, temos a

missão de produzir o que a população quer, precisamos nos adaptar e sempre mudar de acordo com a demanda. Tenho visto muitas vezes a frase de que se você continua fazendo a mesma coisa e não cresce, você é apenas um bom zelador. Temos que ir além, sempre aumentar nossos desafios, inovar e estar à frente do que dita o mercado”, recomenda.

Qual é a receita?

Os resultados de Pires, Zafanelli e de centenas de outros pecuaristas de alto nível no Estado são surpreendentes, mas a receita adotada por eles não tem nenhum ingrediente milagroso. A estratégia faz parte de uma corrente que vem sendo chamada de “Pecuária Moderna”. As táticas utilizadas dentro desse conceito compreendem, em resumo, levar uma gestão empreendedora de alto nível para dentro das propriedades. Isso serve para aumentar o acerto nas tomadas de decisões de modo a elevar índices zootécnicos e elevar a rentabilidade do negócio de produção de carne.

O professor Paulo Rossi Junior, coordenador do Laboratório de Pesquisas em Bovinocultura (LapBov) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), explica que entre as atividades agrícolas, a pecuária como um todo historicamente, está em um estágio menos avançado em termos de gestão e tecnologia aplicada. “Por ser uma atividade a longo prazo, tudo o que você faz de diferente não tem retorno imediato. Isso acaba fazendo o pecuarista não inves-

VIDA DO BOI DE CORTE



REPRODUÇÃO



**NASCIMENTO
À DESMAMA**



**RECRIA
(DA DESMAMA AO
FIM DO CRESCIMENTO)**



**TERMINAÇÃO
(ENGORDA)**



A BASE DA PECUÁRIA MODERNA



NUTRIÇÃO



MELHORAMENTO GENÉTICO



GESTÃO



MANEJO

tir como deveria, porque a grosso modo se acha que boi dá muito dinheiro com pouco investimento, o que é uma mentira. A pecuária, para ser rentável, exige, sim, muito investimento”, pontua.

Ana Maria Bridi, professora pesquisadora em Ciência da Carne da Universidade Estadual de Londrina (UEL), concorda com essa leitura e acrescenta que o Paraná fornece sinais de que iniciou um processo para reverter esse quadro. “Vemos investimentos em genética, preocupação com idade de abate, diferentes sistemas produtivos, cuidado com manejo pré-abate, mudanças no próprio abate e pós-abate. E quando isso tudo acontece, você não vende mais a mercadoria como uma commodity. O Paraná tem essa vocação e vemos casos de sucesso de cooperativas

e uma organização diferenciada dessa cadeia produtiva para entrar em um nicho de mercado mais nobre, voltado à exportação e um público mais gourmet”, avalia.

Pecuária Moderna

Um dos diferenciais dessa mudança de cultura na bovinocultura de corte do Paraná está nos cursos, dias de campo e diversos eventos de debate promovidos pelo Programa Pecuária Moderna. A iniciativa foi lançada em agosto de 2015 pelo governo do Estado, em parceria com o Sistema FAEP/SENAR-PR e outras instituições. De lá até aqui, o debate sobre mudanças na pecuária de corte tem entrado nas rodas de conversa de produtores e demais en-

Pecuária Moderna

Com as técnicas mais avançadas, do nascimento ao abate é possível ter um animal com 18 arrobas aos 14 meses.

Média no Paraná

A pecuária média que se pratica no Paraná faz com que os animais levem, em média, 37 meses, ou seja, três anos entre o nascimento e o abate.

Média no Brasil

Com a heterogeneidade da pecuária no país, o boi brasileiro tem um ciclo médio de 48 meses (4 anos) do início ao fim da vida.

volvidos na cadeia produtiva em todo o Estado.

No total já foram seis turmas de cursos (quatro concluídas e duas em andamento) com 10 módulos de 16 horas cada um, totalizando 160 horas. As turmas são formadas por veterinários, zootecnistas, engenheiros agrônomos. A intenção de formar profissionais que trabalham diretamente com pecuaristas é que os conceitos da transformação da atividade sejam disseminados durante a prestação de serviços de assistência técnica nas mais diversas propriedades em que eles atuam. Funcionários de entidades como Emater e empresas privadas integram o público-alvo das turmas.

“O curso foi praticamente uma pós-graduação que não está disponível em nenhuma universidade, aprendemos todos os aspectos envolvidos na pecuária de ponta”, conta o médico veterinário da Emater Mateus Poczynek, que participou da formação em 2017 junto com a esposa, Talita Poczynek. O projeto apresentado por ela está sendo aplicado em uma propriedade de criação de bezerros, que pertence a familiares, em Guarapuava. “Foram feitas mudanças na infraestrutura da propriedade, alterações em aspectos em relação à gestão, seguimos investindo em inseminação e principalmente em alimentação, que é um item que faz toda a diferença”, detalha Mateus.

Integrante de uma das turmas de 2016, o médico veterinário Renato Franciscon compartilha que além de mudar sua forma de prestar assistência técnica, o curso serviu para dar uma virada de 180 graus na gestão de sua propriedade, em Anaurilândia, no Mato Grosso do Sul. “Descobri no curso, por exemplo, que meu maior custo de produção é com ração e a mineralização do gado. Às vezes o que acontece é que o produtor não tem controle disso e deixa de fazer a troca de óleo de um trator porque acha R\$ 200 muito caro. É muito mais vantajoso gastar tempo buscando economia no preço da ração do que perder tempo para achar um óleo de trator R\$ 10 ou R\$ 20 mais barato”, exemplifica.

Vicente Michaliszyn, produtor de carne de Pato Branco e coordenador do Pecuária Moderna no Sudoeste do Paraná, complementa que os técnicos são os que têm o contato inicial com o programa, mas que os produtores ocupam um papel central para a mudança de paradigma. “O espírito do programa é mostrar que não temos que inventar a roda, tudo o que precisamos está disponível, mas de maneira ainda desorganizada. Temos que colocar ordem desde a base da produção, não achar que fazer somente o dever de casa é o suficiente. A mudança cultural deve inclusive se espalhar a outros elos da cadeia produtiva, frigoríficos, cooperativas e até mesmo o consumidor, que está mudando seus hábitos e procurando adquirir uma carne de maior qualidade e certificação de origem”, orienta.



Por Guilherme Souza Dias
Zootecnista - DTE/FAEP

COMO USAR A PECUÁRIA MODERNA

Na reprodução, o uso de touros melhoradores é premissa básica. É importante que a escolha da genética seja condizente com as necessidades do rebanho. Estudos apontam que touros reprodutores são responsáveis por 80% do fluxo de genes no rebanho. Associado a isso, a boa nutrição das matrizes leva a um melhor desempenho. A oferta de alimento em quantidade e qualidade suficientes colabora com a elevação dos índices zootécnicos gerais, nesse caso especialmente nas taxas de natalidade.

Na fase de cria, práticas avançadas permitem reduzir a mortalidade e fazer o bezerro se desenvolver com mais qualidade. Essa é a fase mais delicada na vida do bovino e a nutrição é fundamental. O bezerro precisa ser desmamado o mais pesado possível e não se pode descuidar da matriz, pois ela come por três: por ela, pelo seu bezerro atual (leite) e pelo bezerro do ano seguinte. Creep feeding e uso de cruzamentos industriais buscando matrizes mais leiteiras são alguns dos aspectos que colaboram para um bom desempenho.

Em relação à recria, os principais consultores defendem que é uma fase que poderia ser extinta. A categoria boi magro, com sua importância na produção, poderia ser substituída pelo confinamento de bezerros pesados. Dessa forma, com o desmame desses animais seria possível acelerar a engorda em confinamento, permitindo agregar maior valor com a produção do novilho precoce.

Na terminação, associado a um bom desempenho nas categorias anteriores, a qualidade nutricional dos animais em terminação é a cereja do bolo. Para produzir animais precoces, a grande maioria dos produtores faz uso do confinamento. Existem exemplos de terminação semi-confinada, ou o confinamento a pasto, técnicas que têm ganhado espaço por não demandar grandes investimentos em instalações. Nessa fase a gestão torna-se ainda mais importante, uma vez a compra de insumos, animais de reposição e demais recursos deve ser planejada para se evitar prejuízos e “remendos” com a operação em curso.

O novo equilíbrio do agro

Coordenador da Embrapa-Labex Europa, Pedro Luiz Oliveira de Almeida Machado, aponta como agir para não ser pego de surpresa em um cenário de mudanças rápidas e significativas



O agronegócio vive um período de pleno desenvolvimento, mas também de preparação constante para vencer os desafios do futuro. A população mundial urbana cresce vertiginosamente e a rural diminui, como equilibrar essa balança? Pedro Luiz Oliveira de Almeida Machado, coordenador de uma das iniciativas de pesquisa agropecuária mais respeitadas do mundo, a Embrapa-Labex Europa, fornece algumas pistas do caminho a ser seguido pelo setor e seus produtores. “Tudo o que puder ser automatizado, vai ser automatizado”, sinaliza o engenheiro agrônomo formado pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e PhD em Ciências do Solo. Leia abaixo, os principais trechos da entrevista exclusiva concedida ao repórter do Boletim Informativo, Antonio Carlos Senkovski.

Para onde caminha o agronegócio?

Pedro Luiz Oliveira: falar em tendências para o agro é algo bastante amplo. Primeiro precisamos considerar o papel imprescindível como produtor de alimentos para uma população mundial crescente. E esse aumento da população mundial está com sua maior concentração na Ásia. Do lado brasileiro nós temos essa perspectiva da produção e quem vai ficar produzindo na terra. Historicamente, o Brasil vem tendo um número significativo de pessoas deixando o campo e indo para as cidades.

Que adaptações são necessárias com essa mudança de perfil?

Com menos gente no campo, para nós da Embrapa fica claro que é es-

tratégica a pesquisa em automação, justamente para facilitar o trabalho no campo. É uma das ações que perseguimos em uma cooperação internacional como esta. Porque isso é um fato: nós teremos menos gente no campo proporcionalmente à população urbana. E a automação e a robotização são dois aspectos de suma importância.

Como essas ferramentas podem ser usadas na prática?

Hoje, a tecnologia permite levantamentos de inúmeros dados e isso obriga você a lidar com um volume muito grande de informação. Solo, planta, meteorologia e mercado, por exemplo. Imagina ter um programa voltado ao auxílio de tomada de decisão que englobe todos esses fatores para que você possa então pla-

nejar a sua atividade de campo em uma gestão por talhões?

Na sua opinião há exemplos de segmentos que já caminham nessa direção?

O exemplo clássico é o da cana-de-açúcar. Ali já temos sinais do que pode acontecer nos outros sistemas de cultivo, especialmente na questão da formação do profissional. O trabalhador vai ter que ser um profissional muito bem instruído, saber como lidar com programas computacionais, aplicativos, programação (não no sentido de desenhar programa, mas de planejamento, usando dados recebidos por sensores).

Automatizar é um caminho sem volta?

Pode parecer exagerado, mas tudo o que puder ser automatizado, vai ser automatizado. E isso envolve diretamente também a questão da educação, da capacitação contínua, do ensino a distância, porque dada a velocidade das transformações, essas questões serão essenciais para que as pessoas possam ir se ajustando e se adequando.

O que essas mudanças afetam na vida do consumidor?

A sociedade já está pouco a pouco se interessando pela origem e a maneira como são produzidos os alimentos. Na gôndola dos supermercados, os consumidores olham a apresentação do produto e sua origem, tendo maior interesse pelas condições de produção, origem do produto e respeito ao meio ambiente, por exemplo.

Aqui na França tem tomate sendo produzido com a foto do produtor na embalagem com o endereço, telefone etc. E aquele desejo de que seja tudo perto. Claro que alguns produtos não há condições de serem produzidos localmente, mas essa é a tendência.

Alguns estudos científicos têm caminhado em direção a sintetizar elementos químicos que, em tese, permitiriam fabricar comida em laboratório. Essa é uma coisa a se considerar?

Há, sim, estudos nesse sentido. Estive recentemente em uma reunião em Berlim e lá líderes de centros de pesquisa da China e do Japão discutiam com uma desenvoltura e uma tranquilidade sobre a questão da síntese de aminoácidos [para 'fabricar' proteínas]. Isso nem tanto sobre a alimentação humana, os estudos são mais direcionados à alimentação animal para diminuir a grande dependência da proteína vegetal [soja, farelo de soja e outros]. Claro que ainda há uma série de passos para viabilizar isso, mas é algo que devemos, sim, estar atentos.

Uma mudança como a sintetização de proteína pode fazer o papel do produtor virar 180º?

Claro que na hipótese de algo assim se concretizar teríamos o clássico período de transição onde os modelos começam a andar juntos e haveria a possibilidade de o produtor se ajustar à destinação do seu produto ou da sua área. O interessante é que não é a questão até mesmo da soja,

eu acho que ela não necessariamente iria perder espaço com a sintetização de proteínas. É mais um aspecto de a soja ter outra destinação, ser usada para outros materiais, outros produtos, como o próprio biodiesel, com a crescente necessidade de energia.

Em um cenário de mudanças tão rápidas e significativas, qual o seu principal conselho ao produtor rural?

É se manter informado e estar aberto a novas tecnologias. E nunca descuidar dos maiores ativos que existem dentro de cada propriedade: o solo e a água. Temos que ficar atentos para não exagerar na dose de um determinado insumo, sempre respeitando a questão do meio ambiente. As reservas não devem ser entendidas como áreas perdidas, ociosas, elas oferecem benefícios gigantescos, seja trazendo insetos polinizadores aos cultivos, ou sendo fonte de insetos inimigos naturais que predam insetos pragas que eventualmente apareçam nas lavouras. E um ponto chave para tudo isso é: sempre buscar envolver a juventude. Temos que fazer os jovens estarem juntos no campo. Isso é fundamental, porque a agricultura brasileira tem muito futuro pela frente.



Impacto do diesel

Nova política de reajustes da Petrobras provocam alta de até R\$ 0,30 por litro e deixam produtores em alerta

A crescente mecanização faz tratores, implementos, colheitadeiras e veículos de transporte serem imprescindíveis para o sucesso agropecuário. Mas justamente o uso desses maquinários, que trazem facilidades ao trabalho no campo, tem preocupado produtores rurais. O diesel, que historicamente pesou relativamente pouco no bolso, no último ano teve, em média, um aumento de R\$ 0,27 por litro no Paraná – o que representa 9,5% (ver gráfico). Para termos de comparação, a inflação média do Brasil em 2017 deve fechar em torno de 3%, segundo o Banco Central.

O principal fator no aumento do preço diesel foi a alta na alíquota dos combustíveis, aplicada pelo governo federal. O PIS e Cofins cobrados sobre a venda do produto saltou de R\$ 0,25 para R\$ 0,46 por litro – aumento de 88%. Mas também pesa no reajuste o fato de que, desde o início de julho, a Petrobras mudou sua política de preços. A partir de então ela passou a permitir reajustes até mesmo diários (se necessário) dos combustíveis de acordo com a oscilação da cotação do petróleo no mercado internacional (ver gráfico).

Independentemente dos motivos, o fato é que a questão tem causado preocupação entre os produtores. O município com maior reajuste no Estado foi Cornélio Procópio,

onde o preço médio saiu de R\$ 2,93 para R\$ 3,32, ou seja, 13,3%. “Se fizéssemos o plantio como antigamente, seria inviável a agricultura hoje, está muito pesado a questão do óleo diesel. O que posso dizer é que o agricultor brasileiro é muito batalhador para se manter na atividade com o patamar de preço que estão os nossos produtos hoje”, diz Marcos Gerais, vice-presidente do Sindicato Rural de Cornélio Procópio.

O pecuarista Cristiano Leite Ribeiro, também de Cornélio Procópio, conta que uma alternativa encontrada por produtores na região é comprar diesel direto da distribuidora. Essa é uma alternativa, no entanto, que exige um porte maior do produtor, já que é preciso investir em estrutura de armazenamento. “É comum ir buscar diesel na distribuidora em Ourinhos, costuma ser em torno de 5% mais barato, então acaba compensando. São alternativas para diminuir o custo, porque é uma situação que vem nos atrapalhando”, compartilha.

No Oeste do Paraná, o presidente do Sindicato Rural de Toledo, Nelson Paludo, lembra que a aplicação de defensivos pode alterar de acordo com a incidência maior de algumas pragas ou doenças. “O diesel tem sido mais uma preocupação em um cenário no qual os custos de produ-

SITUAÇÃO DO PREÇO DO DIESEL NO PARANÁ

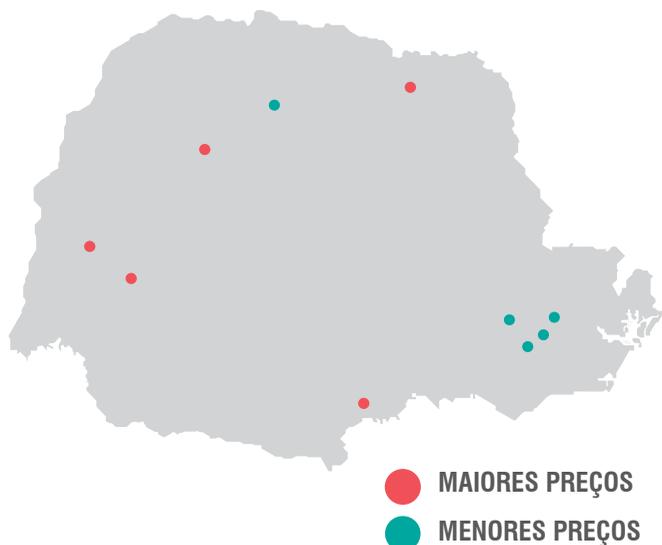
5 MUNICÍPIOS COM MAIORES PREÇOS - 12/17

CORNÉLIO PROCOPIO	R\$ 3,32
CASCADEL	R\$ 3,24
CIANORTE	R\$ 3,24
UNIÃO DA VITORIA	R\$ 3,24
TOLEDO	R\$ 3,23

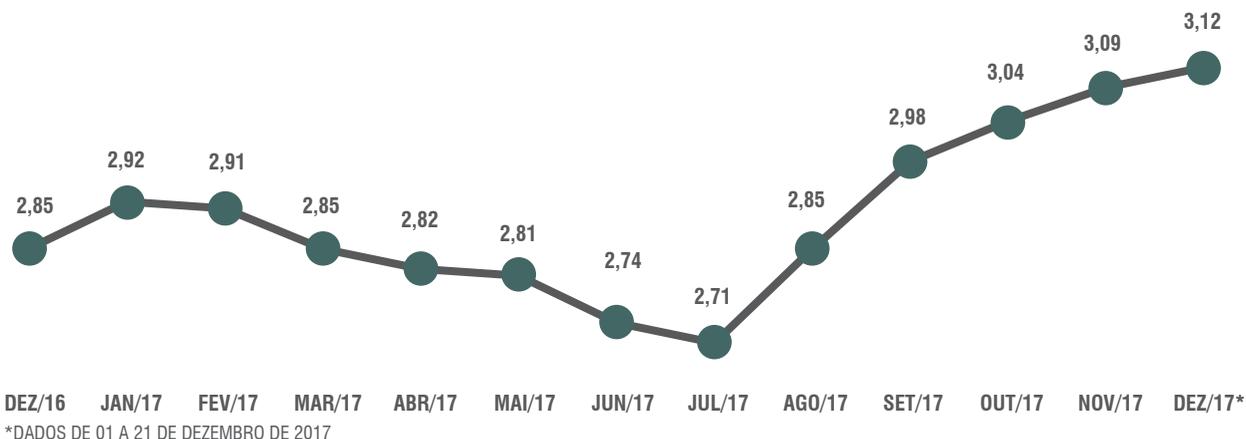
5 MUNICÍPIOS COM MENORES PREÇOS - 12/17

ARAUCÁRIA	R\$ 3,03
COLOMBO	R\$ 3,05
MARINGÁ	R\$ 3,05
CURITIBA	R\$ 3,06
CAMPO LARGO	R\$ 3,07

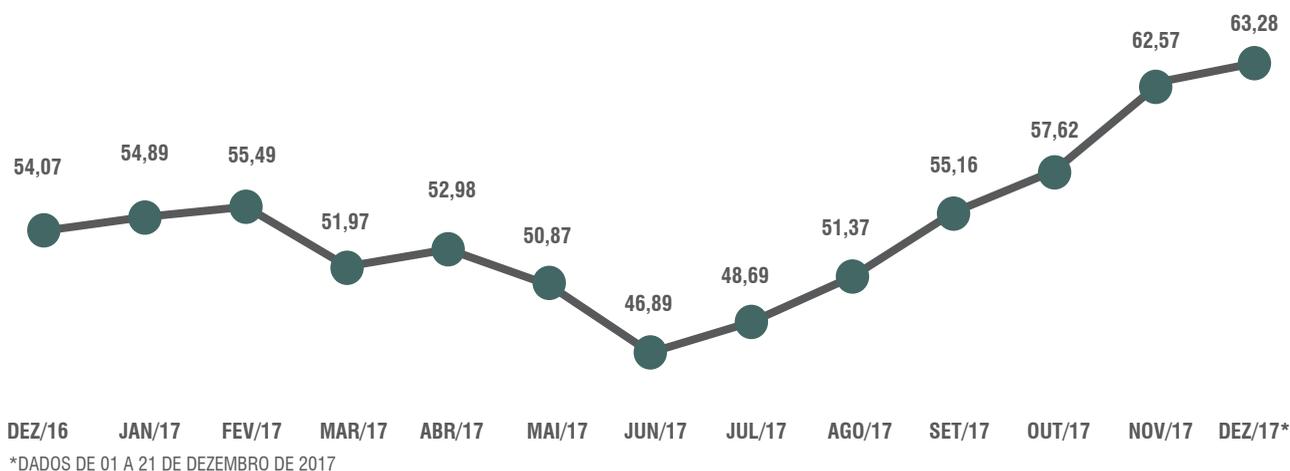
Fonte: ANP



PREÇO MÉDIO DO DIESEL NO PARANÁ



PREÇO MÉDIO DO BARRIL DE PETRÓLEO NO MERCADO INTERNACIONAL



ção têm aumentado ano após ano”, revela.

O engenheiro-agrônomo Nilson Hanke Camargo, do Departamento Técnico Econômico da FAEP, reitera que a situação vivida nas diferentes regiões do Estado é um efeito em cadeia, já que aumento em combustível significa repasse a todos os setores. “A diferença no caso da agricultura é que o produtor paga a conta, porque não tem um consumidor para repassar. Os preços das commodities são definidas pelo mercado internacional. O que fazemos é reivindicar uma política de incentivos fiscais que faça o produtor ter um cenário mais competitivo para poder trabalhar”, sinaliza.

Setor de fretes

O diesel representa quase metade do custo operacional do frete, conforme as contas da Federação das Empresas de Transporte de Cargas do Paraná (Fetranspar). E para

o setor, a política da Petrobras está tornando a atividade cada vez mais difícil. “Sabemos que determinar o preço de combustível é algo complexo, que depende de cotações internacionais, mas da forma como está não temos como nos planejar. Imagine uma viagem que dura três dias, o caminhão sai com o diesel a um preço e chega no destino com outro, como vamos fazer um planejamento dessa maneira?”, questiona o presidente da Fetranspar, Sérgio Malucelli.

Para tentar resolver o problema, Malucelli comenta que o setor está se mobilizando em uma comissão. O objetivo é ir à Petrobras para tentar chegar a uma alternativa para os reajustes. “A política de reajuste deveria ser diferente, mas se continuar da forma como está, temos que ao menos ter uma projeção de gatilho, anunciar o reajuste de 30 em 30 dias, por exemplo. Hoje, com esses aumentos, a transportadora está assumindo todo e qualquer custo, e isso é absolutamente inviável”, comenta.

A desinformação é nociva

Notícias erradas e tendenciosas quanto ao uso de agroquímicos no Brasil confundem a população. Para especialistas, debate sem critérios técnicos presta um desserviço ao país

Por André Amorim



Desde a sua criação o SENAR-PR trabalha para capacitar produtores e trabalhadores rurais na aplicação de agroquímicos

É comum vermos – na mídia e nas redes sociais – campanhas contra o uso de agroquímicos na agricultura, que colocam estes produtos como grandes vilões para a saúde humana e para o meio ambiente. Dentre os mantras repetidos incessantemente estão informações como: “Os brasileiros ingerem 7 litros de agrotóxico por ano”, “Dois terços dos alimentos produzidos no Brasil estão contaminados” e outros rumores semelhantes que colocam em cheque a importância destes produtos na produção de alimentos e que acabam sendo digeridas como verdade absoluta pelos mais desavisados.

No que pese o cuidado com esses produtos, que pela própria natureza podem trazer problemas quando mal-empregados, existe uma inegável contribuição destas tecnologias para o desenvolvimento da agricultura brasileira, que bate recordes sucessivos de produtividade, aumentando sua produção sem ser necessário aumentar a área cultivada.

Uma das falácias amplamente difundidas é a de que o Brasil é o maior consumidor mundial de agroquímicos. Balela. Primeiramente seria necessário observar que uma comparação como esta carece de lógica, uma vez que as caracterís-

ticas brasileiras de produção, que levam em conta o nosso clima e nossa extensão territorial, não encontram paralelo. “Trata-se de uma informação irrelevante, se não compararmos os dados normalizados, ou seja, correlacionarmos o consumo por área ou por produção”, observa o professor doutor Caio Carbonari, da Faculdade de Ciências Agronômicas da Universidade Estadual Paulista (FCA/UNESP).

Segundo ele, quando estabelecida uma base de comparação proporcional nota-se que o consumo brasileiro de agroquímicos é compatível com o de diversos países relevantes do ponto de vista do agronegócio. “Uma vez que o Brasil é um dos maiores produtores agrícolas do mundo, quando comparamos o consumo por área, o do Brasil é inferior ao de muitos países desenvolvidos, como Japão, Coreia do Sul, Alemanha, França, Itália e Reino Unido”. Vale lembrar que nosso ambiente de produção de clima tropical favorece substancialmente a ocorrência de pragas, plantas daninhas e doenças, e que temos até três safras por ano. Em países como EUA, por exemplo, além de haver apenas uma safra anual, o inverno rigoroso se encarrega de eliminar



“Esse assunto deve ser discutido tecnicamente”, diz Dionísio Gazziero da Embrapa Soja

nômicas, não é possível produzir alimentos na escala que o Brasil produz sem o uso de agroquímicos. “Mas é possível trabalharmos continuamente pela redução dos riscos e pela legalidade do uso, o que vem sendo feito no Brasil. (...) Vale reforçar que quando comparamos os dados normalizados, por produção ou área, temos consumo e risco compatíveis com os de vários outros países desenvolvidos e de importância na produção de alimentos”, completa.

Para o pesquisador da Embrapa Soja, Dionísio Gazziero, é fundamental que a discussão sobre o uso de agroquímicos na agricultura seja pautada por critérios técnicos. “É lamentável que sejam feitas colocações tendenciosas e que podem levar a população ao pânico. Esse assunto deve ser analisado e discutido tecnicamente. É muito fácil jogar na mídia um número

a maioria das pragas, fungos e ervas daninhas.

Outra notícia que dá pouco crédito à inteligência dos leitores é a de que os brasileiros ingerem sete litros de agroquímicos por ano. Basta uma reflexão um pouco mais apurada para comprovar que esta fantasia não se sustenta. Primeiramente é preciso lembrar que nem todos os produtos agrícolas são voltados à alimentação humana. Além disso, existe a degradação desses produtos ao longo do tempo, por isso o período de carência que deve ser observado para que não existam resíduos nos produtos consumidos. “Parte substancial é destinada à produção de alimentos para exportação, passando por rigorosa inspeção nos países compradores. Quando utilizados adequadamente, os agrotóxicos são aplicados com a antecedência necessária para que sejam degradados e não impliquem em risco para os consumidores”, explica Carbonari.

Um exemplo bem conhecido dos paranaenses é o Plantio Direto. Nesse sistema de produção são aplicados agroquímicos em um momento em que não há nenhum alimento em campo, servindo apenas para dessecar a cobertura vegetal de modo a formar a palhada que irá proteger o solo.

Longe da matemática equivocada dos militantes ideológicos existem ferramentas técnicas confiáveis para avaliar o risco associado ao uso de agroquímicos. Uma delas é o Coeficiente de Risco Ambiental (EIQ da sigla em inglês para “Environmental Impact Quotient”). “Segundo um estudo que conduzimos, os valores de EIQ representando o risco para o consumidor, trabalhador e para o ambiente, vêm caindo quando os resultados são expressos por hectare de área tratada e são compatíveis ou inferiores aos observados em outros países”, afirma Carbonari.

Na opinião do professor da Faculdade de Ciências Agro-

e não interpretá-lo de forma adequada”, diz.

Gazziero lembra que existe uma série de instituições sólidas no Brasil que estão empenhadas em analisar e regulamentar o uso destes produtos. Além de um amplo cabedal de regras e leis para que cada elo desta cadeia atue de forma adequada. A responsabilidade é de todos, desde o fabricante, passando pelos órgãos de governo que fazem o cadastro destes produtos, depois para os profissionais de campo legalmente habilitados para escrever o receituário agrônomo e por fim, o produtor ou trabalhador rural que irá aplicar o produto de forma segura.

Como exemplo desse compromisso com a segurança, Gazziero cita a publicação do Manual de Orientação Sobre Receituário Agrônomo, desenvolvido pelo Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Paraná (CREA-PR) com a participação de dezenas de entidades, entre elas a FAEP. O objetivo é “orientar os profissionais legalmente habilitados sobre os princípios e normas que disciplinam a prescrição e o uso de agrotóxicos”.

Realidade paranaense

No Paraná, a responsabilidade de fiscalizar o comércio e o uso de agroquímicos, visando a sanidade dos produtos agrícolas e a segurança de usuários, profissionais, comerciantes e do meio ambiente, cabe à Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar). Trata-se de um trabalho de grandes dimensões e responsabilidades, uma vez que o Estado tem sua economia centrada na agricultura e na pecuária.

De acordo com o diretor de defesa agropecuária da Adapar, Adriano Riesemberg, a agência procura sempre orientar seu trabalho para que os agroquímicos sejam

usados de forma racional e apenas quando necessários. Nesse sentido ele lembra de um caso ocorrido em 2013, quando a lagarta *Helicoverpa armigera* causou grande apreensão junto aos produtores paranaenses. Naquele momento a Adapar recomendou ao governo do Estado que não fosse autorizada a importação do agroquímico benzoato de emamectina. Na ocasião, a agência demonstrou que a praga, apesar de presente, estava sendo controlada com os produtos já registrados e cadastrados.

Outra medida de reconhecimento nacional foi a suspensão da autorização de uso de 67 marcas comerciais de fungicidas que se tornaram ineficientes no controle da doença ferrugem asiática da soja. “Dessa forma ficou comprovado que o processo para cadastramento de agroquímicos que a Adapar executa é importante para que os produtores tenham acesso a produtos que efetivamente controlam as pragas, criando uma das condições para que haja redução do volume de aplicação de agroquímicos” observa Riesemberg.

A Adapar também atua na coleta de amostras para análise de resíduos. Em 2017 foram analisadas 293 amostras. Destas, 125 estavam sem resíduos; 122 amostras tinham índices dentro do Limite Máximo de Resíduos (LMR); 32 amostras com ingredientes ativos não autorizados para a cultura e 14 amostras com limite acima do LMR. Ou seja, apenas 4,7% das amostras indicaram resíduos acima do limite máximo. Bem diferente da informação que circula na mídia de que um terço dos alimentos produzidos pela nossa agricultura estão contaminados”.

Segundo Adriano, muitas vezes estas questões trazidas pela mídia servem como subterfúgio para embargos não alfandegários de outros países. Desse modo, na tentativa de renegociar contratos, outros países podem utilizar estas informações como barreiras aos produtos brasileiros. Neste ponto cabe o questionamento: a quem interessa este tipo de campanha?

Numa atitude irracional, alguns setores da sociedade atacam a mão que alimenta a nação, formando uma imagem negativa do Brasil e daquilo que ele produz. “Com esse tipo de informação prestamos um desserviço ao país. Parece que existe um complô contra a agricultura”, observa Gazziero, da Embrapa Soja.

Uso racional

Cabe lembrar que não existe nenhum compromisso com os agroquímicos, inclusive existem diversas iniciativas de órgãos de governo, entidades de classe e do Sistema FAEP/SENAR-PR para racionalizar o uso destes produtos. Um bom exemplo é o Manejo Integrado de Pragas (MIP), no qual o produtor

monitora sua lavoura e utiliza os próprios inimigos naturais das pragas presentes no campo para combatê-las, evitando assim aplicações desnecessárias de inseticidas.

Desde a safra 2016/17 o SENAR-PR oferece o curso Inspetor de Campo em MIP de Soja, que tem por objetivo difundir a técnica para os sojicultores do Estado de modo a racionalizar o número de aplicações e ter uma lavoura mais equilibrada. Nesse período, constatou-se uma redução de 50% no número de aplicações. Em algumas propriedades monitoradas a temporada passou sem nenhuma aplicação de inseticidas.

O MIP é um dos eixos do programa Plante Seu Futuro, desenvolvido pela Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento em parceria com diversas entidades, entre elas a FAEP. A iniciativa tem como objetivo difundir as informações e capacitar os produtores para a adoção de boas práticas agrícolas, em sintonia com a saúde humana e com o meio ambiente. “Pode ter problema sim, sempre temos o que melhorar. Mas existe todo um esforço de treinamento e programas que existem para orientar o produtor”, avalia Gazziero.

Capacitações

O curso Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos do SENAR-PR é um dos mais demandados, o que demonstra a constante preocupação com o bem-estar e a segurança do trabalhador rural. Em 2017, foram 5.691 pessoas capacitadas nas 492 turmas que ocorreram em todo o Paraná. São capacitações sobre Formigas Cortadeiras, Norma regulamentadora 31.8, pulverizador autopropeleto, pulverizador costal manual, pulverizador tratorizado de barra e turbopulverizador.



Para Adriano Riesemberg, da Adapar, outros países podem usar essas informações para barrar nossos produtos

Morango do Sudeste

Programa faz família de Rio Azul colher os frutos da formação, que abriu os olhos para novas oportunidades



15 quilos por semana, vendidos a R\$ 12 o quilo. Como a propriedade fica a 6 quilômetros da área urbana do município, Alcéia e o marido quase não precisam se deslocar para vender o produto. “Temos o sistema convencional, mas não usamos nada de defensivos. Meus filhos comem morango direto do pé a toda hora. Muitos clientes vêm aqui buscar. Também vendo muito pelo Whatsapp. As pessoas fazem reservas e vou duas vezes por semana na cidade entregar”, conta a produtora.

Alcéia relata que a qualificação foi decisiva para a nova plantação dar certo. Ela lembra que, a cada semana, ficava ansiosa para chegar o dia das aulas do PER. Lá a empreendedora passou a entender a ligação entre os acontecimentos em Brasília e na bolsa de valores com o dia a dia do produtor rural. Também

Cuidar de lavouras de feijão, milho, batata e outras plantações para o próprio consumo sempre fez parte da rotina do casal Alcéia e Edson Jacyszyn (ambos de 35 anos) e da família. Mas há alguns meses, uma fruta tem chamado mais a atenção entre todas as cultivares na propriedade, de cerca de 11 hectares, em Rio Azul, no Sudeste do Paraná. Uma estufa de 200 metros quadrados com 2 mil pés de morango instalada no local tem sido a alegria de todos – especialmente de José Augusto e João Paulo, de 14 e 9 anos, filhos do casal.

A ideia de apostar no negócio surgiu durante o Programa Empreendedor Rural (PER) feito por Alcéia, em 2016. Ela elaborou e apresentou o projeto no ano passado e neste ano conseguiu viabilizar a construção da edificação. “Investimos R\$ 10 mil. Financiamos R\$ 6 mil pelo banco e os outros R\$ 4 mil tiramos do bolso. Agora pagamos as prestações de R\$ 1,1 mil por ano. Para juntar essa quantia só com os morangos levamos mais ou menos 1 mês e meio [sem contar os custos]. Já estamos pensando em ampliar”, comemora a empreendedora.

Atualmente, a plantação de morangos rende cerca de

entendeu a lógica dos impostos, como emitir corretamente notas fiscais e o mais importante: mudar sua visão. “Hoje, enxergo minha propriedade como uma empresa. É pequena, mas tem muitas oportunidades. Qualquer espaço ocioso que vejo, já penso: ‘como podemos aproveitar para gerar novos negócios?’”

Itinerários formativos

A estufa de morango e a visão empreendedora tiveram um empurrão do PER, mas são reflexo de uma série de formações do SENAR-PR feitas por Alcéia. Ela já fez um total de 12 cursos. Histórias como as dela inspiraram a instituição a criar os itinerários formativos, caminhos dentro de áreas específicas para criar continuidade entre os cursos feitos pelos participantes. O primeiro, já em funcionamento, é sobre bovinocultura de leite, que tem treinamentos sobre os mais variados aspectos da atividade, da seleção genética até boas práticas de manejo, ordenha, higienização etc.

Mais informações no site www.sistemafaep.org.br.

Futuro do Herdeiros do Campo

18 instrutores relataram sua experiência, ao longo do ano, em contato direto com famílias que estão tratando a sucessão



Um balanço das atividades do Programa Herdeiros do Campo, no decorrer de 2017, foi apresentado, em reunião, realizada, no último dia 14 de dezembro, em Curitiba. O encontro teve a participação de 18 instrutores que trabalharam com o programa ao longo do ano. O objetivo foi avaliar os resultados e apontar aspectos que podem ser melhorados no caminho a ser percorrido em relação à sucessão no campo em 2018.

No último ano, foram 199 famílias inscritas em todo o Estado. A proposta resultou em 360 pessoas aprovadas (154 famílias concluintes), com 756 horas de aulas realizadas em 18 turmas. Ao todo, aconteceram 35 reuniões de mobilização nas Regionais do SENAR-PR para o programa ter sucesso. Foram envolvidas diretamente mais de 250 pessoas, representantes de sindicatos,

empresas parceiras e lideranças locais.

O presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, enfatizou, durante a reunião, o minucioso trabalho que foi realizado pela instituição para se chegar a melhor proposta sobre o assunto de forma a mostrar caminhos sem interferir na tomada de decisão que tem que ser da família. “Todos sabemos que essa é uma das questões mais delicadas dentro de qualquer atividade ou empresa, por isso tomamos todo o cuidado para fazermos um programa com seriedade. Temos que levar conhecimento às famílias, não temos que interferir diretamente em suas decisões”, enfatiza.

Antonio Poloni, consultor da FAEP, destacou que além de guiar um processo fundamental no campo (a sucessão), o curso tem provocado um fenômeno de

disseminação do conhecimento. “Os produtores rurais que participam do programa têm percebido que para fazer uma boa sucessão é preciso ter uma boa gestão. Por isso é comum vermos pessoas que após fazer o Herdeiros do Campo, no ano seguinte buscam cursos nessa área, como o Programa Empreendedor Rural (PER)”, comenta.

O superintendente do SENAR-PR, Humberto Malucelli, lembrou que o programa tem um papel fundamental para perpetuar o sucesso do agronegócio. “O Herdeiros do Campo representa um ponto de partida para que seja possível levar conhecimento e incentivar seus participantes a continuar no processo de desenvolvimento de seus negócios. A passagem do bastão é um momento importante para que a administração do negócio siga seu curso adequadamente”, relata.

A coordenadora do programa e técnica do SENAR-PR, Luciana Matsuguma, lembra que ao unir gerações, o Herdeiros cumpre seu papel de levar para dentro da família o diálogo sobre todos os aspectos envolvidos em um processo sucessório. “O curso permite às pessoas olharem para questões de patrimônio e negócio de modo particular para uma mudança de cultura. Fornecemos o subsídio para isso, plantamos uma semente para que essa questão cresça dentro dos núcleos familiares e se desenvolva a ponto de gerar um processo de sucessão tranquilo e bem-sucedido”, relata.

Instrutores

A instrutora Eliana Scherbak, de Medianeira, conta que nas turmas que conduziu em nenhum momento houve conflitos, o que demonstra a capacidade de fazer as pessoas a conversar sobre sucessão mais abertamente. “Nós oportunizamos um diálogo franco entre familiares, em alguns casos tivemos famílias inteiras indo nas aulas. Ver de avós a netos, a sala cheia de crianças, para falar sobre algo tão importante, faz percebermos que estamos atingindo o objetivo do programa”, compartilha.

A instrutora Marystela Valda-meri compartilha que em suas turmas foi possível perceber um alto nível de exigência em termos de informação sobre a sucessão. “Ao longo das aulas os participantes evoluíram muito sobre como

separar a família e a empresa rural para passar a enxergar o mundo de oportunidades que estão abertas hoje em dia no agronegócio. Foi gratificante ver essa transformação e perceber como o Herdeiros do Campo transforma as pessoas”, completa.

Parcerias

Outro resultado importante do Herdeiros do Campo em 2017 foi o interesse que o Programa despertou nas empresas privadas que procuraram o SENAR-PR para montar turmas dentro das companhias, resultado do trabalho de mobilização. As primeiras a buscarem a parceria foram BRF, Souza Cruz e Cargill. Mais recentemente, a Agrícola Horizonte, de Marechal Cândido Rondon, já confirmou a parceria para abrir uma turma. Outras organizações também demonstraram interesse, como a Cooperativa Tradição, de Pato Branco; Cooperativa de Desenvolvimento e Produção Agrária (Codepa), de Mangueirinha; Coamo Cooperativa Agroindustrial, de Campo Mourão; Coagro Cooperativa Agroindustrial, de Capanema; Cooperativa Agrária, de Guarapuava; Primateo Cooperativa Agroindustrial, de Toledo, entre outros.



“Temos que levar conhecimento às famílias e não interferir diretamente”, disse Ágide Meneguette

Chuva traz alento para a safra de verão

Lavouras serão colhidas mais tarde por causa da estiagem, que atrasou o plantio em parte do Estado



A estiagem dos meses de setembro e outubro, que atrasou o plantio da safra de verão, também tem impactado o desenvolvimento das lavouras. Em muitas regiões do Estado, o calor excessivo e o clima seco estavam prejudicando o crescimento das plantas, principalmente na soja. Porém, as chuvas em boa quantidade e uniformes na segunda quinzena de dezembro trouxeram alento aos produtores. A última estimativa da Secretaria Estadual da Agricultura e Abastecimento (Seab) aponta para a colheita de 23 milhões de toneladas de grãos, 9% a menos em relação à temporada passada. O setor aguarda para analisar o impacto do clima nas produtividades para revisar os números.

Na região de Pato Branco, Sudoeste do Estado,

questões climáticas atrasaram as culturas de verão, e os reflexos serão sentidos a partir de 2018, quando começar a colheita. “A falta de chuvas na época do plantio fez os produtores ‘plantarem no pó’, o que provocou um desenvolvimento ruim para as plantas. Os percalços terão reflexos na colheita”, afirma Ivano Luiz Carniel, técnico do Deral e chefe do Núcleo Regional da Seab em Pato Branco.

Em Londrina, no Norte, a colheita de soja está prevista para ocorrer entre 20 de fevereiro e 20 de março. “A estiagem na primeira quinzena de dezembro preocupa. Caso não chova nas próximas semanas vai atrapalhar a floração e podemos ter queda na produtividade”, afirma Rosângela Zaparoli, engenheira agrônoma do

Núcleo Regional da Seab na cidade.

Já em Maringá, no Noroeste, as lavouras estão em fase de floração e com o desenvolvimento bom. “A expectativa inicial era de uma colheita de 60 sacas de soja por hectare. Pelo que temos conversado com os produtores, possivelmente será confirmado”, ressalta José Antonio Borghi, presidente do Sindicato Rural de Maringá.

No município de Lobato, o calor castigou as lavouras, principalmente as semeadas no início da janela de plantio. Apesar das chuvas recentes, os produtores não estão otimistas. “O clima está muito quente, e a soja sentiu bastante, principalmente a mais velha. O calor fez com que muitas vagens caíssem. Choveu nos últimos dias, o que traz uma esperança. Mesmo assim, a previsão inicial de 58 sacas por hectare deve cair bastante”, lamenta Diogo Garcia, presidente do Sindicato Rural de Lobato, no Norte do Estado.

“Estávamos com uma estiagem de 15 dias com calor altíssimo, quando a chuva chegou para ajudar. O desenvolvimento está ocorrendo bem, mas alguma quebra irá acontecer”, aponta Silvanir Rosset, presidente do Sindicato Rural de Guaíra, no Oeste do Estado.

No município de São Miguel do Iguaçu, o longo período de falta de chuva em algumas localidades não permitiu a formação ideal das plantas. Porém, o retorno da chuva trouxe nova onda de otimismo. “Tivemos complicações no enchimento do grão em algumas regiões.

Mas a volta da chuva trouxe melhora para as lavouras”, aponta José Carlos Colombari, presidente do Sindicato Rural local.

Situação semelhante está na região do Santa Terezi-
nha de Itaipu, também no Oeste. Segundo o presidente do Sindicato, Alceu Parise, faltou água no principal período de desenvolvimento das lavouras. “Nossa expectativa é pela diminuição da produção em relação ao ano passado”, diz.

Safra de inverno

Os problemas ocorridos no plantio da safra de verão terão reflexos na próxima temporada de inverno. Segundo João Luís Raimundo Nogueira, técnico do Núcleo Regional da Seab em Toledo, o pico da colheita da soja será em meados de fevereiro, o que não é comum na região. “Isso pode prejudicar o plantio do milho safrinha.”

Em Guarapuava, na região Centro-Sul, a seca que atrasou o plantio jogou a colheita do grão para o fim de fevereiro. “As lavouras estão correndo razoavelmente bem. Tivemos atrasos nas lavouras por conta do clima, mas, na média, está boa. O produtor está preocupado com os efeitos do *La Niña*”, diz Rodolpho Werneck Botelho, presidente do Sindicato Rural de Guarapuava, se referindo ao fenômeno climático previsto para influenciar o clima no Estado a partir de janeiro.



Terra de adversidades não impede colheita de resultados

Crise política-economia não interrompe o crescimento do agronegócio. Ao contrário, setor contribui diretamente para minimizar os efeitos do problema

Por Carlos Guimarães Filho



Para boa parte da população brasileira, 2017 é um ano para ser esquecido. Negócios fechando por conta do baixo consumo, reflexo da queda do poder aquisitivo da população, que enfrenta um dos mais altos índices de desemprego da história. Ainda, governos estaduais falidos, sem dinheiro em caixa, jogando os serviços públicos na precariedade. Esses e outros tanto fatos, impossíveis de contabilizar em apenas duas mãos, ditaram o tom ao longo dos últimos 12 meses.

O agronegócio, apesar da sua força, não passou ileso aos desdobramentos da crise. O setor enfrentou a falta de políticas públicas por parte de diversas instâncias do governo, escassez de recursos para programas voltados ao campo e infraestrutura defasada, que diminui a competitividade nacional em relação a outras potências agro-

pecuárias do planeta.

Mesmo assim, o campo, como em anos anteriores, contabilizou marcas e recordes, que provam, mais uma vez, a importância do setor para economia nacional. Vem do agronegócio a maior geração de emprego. O setor, por mais um ano, livrou o Brasil de um déficit da balança comercial. Afinal, oito dos dez produtos mais exportados pelo país têm origem no campo. A grande oferta dos gêneros agropecuários derrubou os preços dos alimentos e, conseqüentemente, a inflação, impactando positivamente no bolso da população.

Essas conquistas somente ocorreram pelo esforço, capacidade e investimento do elo da cadeia produtiva dentro da porteira: o produtor rural. Milhares de agricultores e pecuaristas representam uma verdadeira força de trabalho,



uma das engrenagens importantes do motor da economia. Provando que, mesmo em terra repleta de adversidades, é possível colher resultados expressivos.

Soja ao quadrado

A fazenda São Bento, no município de Guarapuava, na região Centro-Sul, comprova, com números, o ímpeto do campo. A propriedade de 1,1 mil hectares atingiu a produtividade de 149 sacas de soja por hectare no ciclo 2016/17, marca que a colocou como uma referência para o agronegócio nacional.

“Foram anos de trabalho para chegar a esse patamar. Muitas vezes foi preciso fazer malabarismo, diante dos percalços da economia. Mas sempre estamos investindo em

maquinário, genética, fertilidade, conservação de solo, plantio direto e manejo de doenças. E, claro, trabalhamos muito”, conta o produtor Alexandre Seitz. “O desafio é produzir mais em cima de uma mesma área. Até porque, com a crise, a rentabilidade está cada vez mais apertada”, complementa.

Está certo que a marca de 149 sacas/ha aconteceu em um talhão de 2,9 hectares especialmente preparado para o Desafio Nacional de Máxima Produtividade de Soja, promovido anualmente pelo Comitê Estratégico Soja Brasil (Cesb). Mas isso não tira o mérito da fazenda São Bento. Sabendo da necessidade de “produzir mais com menos”, os proprietários utilizaram a área como laboratório.

“É uma área escolhida a dedo, que recebeu alto investimento, plantio com espaçamento reduzido, dobro de semente e adubo. Mas a partir dos resultados, captamos



Alexandre Seitz utiliza os resultados no talhão experimental para elevar a produtividade da área comercial

várias informações e levamos para a área comercial. A rentabilidade está apertada. Somos obrigados a produzir mais e mais”, sentencia Seitz.

A estratégia tem dado certo. No verão passado, a produtividade média da fazenda chegou a 79 sacas/ha nos 825 hectares dedicados a oleaginosa. Na mesma safra, a média estadual ficou na casa das 62 sacas/ha. “Estamos evoluindo a cada temporada. Em 1996, nossa média era de 41 sacas por hectare”, diz o produtor, neto de um alemão que começou a produzir grãos na região ainda na década de 1960.

O desempenho de Seitz, e de tantos outros milhares de agricultores, coloca o Paraná com a melhor produtividade de soja do mundo, acima dos Estados Unidos, maior produtor de oleaginosa do planeta. O Estado superou em quase três sacas a média norte-americana, de 59 sacas/ha.

Produção aliada a conservação

Também da região Centro-Sul vem outra evidência de que é possível superar os obstáculos impostos pela crise. A fazenda Rio do Pedro, localizada no município de Santa Maria do Oeste, concilia preservação, agricultura, pecuária e floresta plantada de forma harmoniosa e, claro, lucrativa. Nos quase 1,4 mil hectares, a soja e o milho ocupam 590 ha, enquanto o rebanho da raça angus ‘passeia’ por outros 165 ha e a plantação de pinus está espalhada por 55 ha. A propriedade ainda contabiliza 575 hectares de área preservada.

As marcas da fazenda também são de fazer inveja a qualquer agricultor norte-americano. Na última temporada, a área de soja atingiu a média de 75 sacas por hectare, 21% acima da média do Paraná e 27% maior que a dos Estados

Unidos. No milho verão, ainda mais alta. O cereal rendeu 206 sacas/ha, 28% acima da média estadual de 160 sacas/ha e 12% superior à dos americanos.

“O agronegócio sentiu a crise como todos os setores. Instabilidade de preços e alta de insumos fizeram parte da rotina ao longo do ano. Mas o nosso lema sempre foi paciência e perseverança. Temos nossas metas e desafios e continuamos perseguindo”, frisa Tábata Stock, que ao lado do pai Ernesto, toca esta e outras três áreas da família na região.

Além da alta produtividade, a fazenda Rio do Pedro também é uma referência ambiental e de gestão de pessoas, que rendeu o Prêmio Fazenda Sustentável, promovido pela Revista Globo Rural. Parte da conquista é atribuída a Tábata, que promoveu “uma revolução” desde que assumiu, há quatro anos, nas áreas de Recursos Humanos, Gestão de Pessoas e Ambiental das quatro propriedades.

“Essas áreas são essenciais para os bons resultados da lavoura e pecuária. Antes, o pessoal tocava as demandas de forma prática, sem qualquer cuidado. Hoje, depois da implantação dos sistemas, o pessoal está ainda mais empenhado e dedicado”, diz Tábata, que coordena 21 funcionários.

Além da força produtiva, a fazenda Rio do Pedro, assim como outros milhares de produtores rurais, preza pela conservação ambiental. Os 575 hectares de área preservada somam-se aos 170 milhões de hectares de vegetação nativa dentro dos imóveis rurais, 20% do território brasileiro. Esses dados do Grupo de Inteligência Territorial Estratégica (Gite) da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) comprovam a força (e preocupação)



Tábata Stock reformulou a gestão para tornar as propriedades referências nacionais

do agronegócio em produzir de forma aliada com a preservação do meio ambiente.

Milho em abundância

A burocracia imposta pelas entidades financeiras para a tomada de crédito e o aumento do custo de produção não foram empecilhos para o produtor Luiz Protis, do município de Moreira Sales, no Noroeste do Estado, ampliar uma marca que já lhe pertencia. O produtor atingiu a produtividade de 164,1 sacas por hectare na safrinha de milho, superando as 147,5 sacas/ha de 2016.

“A gente precisa fazer a nossa parte muito bem-feita, pois não está fácil. O custo de produção aumentou bastante, ou seja, é preciso produzir cada vez mais. Principalmente quando a área não é tão grande”, sentencia Protis, que pelo desempenho acabou premiado no programa de Produtividade Integrada (PIN), iniciativa conjunta da empresa Syngenta e a cooperativa Copacol.

A marca de 164,1 sacas/ha ocorreu em um talhão de 1,5 hectare. Mesmo assim, na área total dedicada ao cereal safrinha, de 52 hectares, a média de produtividade chegou a 137,5 sacas/ha, bem acima da estadual, de 92 sacas.

Há mais de meio século trabalhando no campo, Protis coloca 2017 como um dos anos mais difíceis para o agronegócio. Mesmo assim, reconhece que o planejamento e o trabalho, além de investimentos na terra, permitiram vencer os obstáculos. “[2017]

foi um dos mais complicados, mas estamos vencendo”, diz, para em seguida projetar, de forma otimista, o futuro. “2018 não será nada fácil. Talvez ainda pior. Mesmo assim vou buscar uma produtividade de 170 sacas por hectare. ”



Luiz Protis driblou os percalços da crise para ampliar a produtividade das lavouras de milho

AGRONEGÓCIO PARANAENSE 2017 EM NÚMEROS

**24,8
milhões**

de toneladas de grãos,
23% a mais que a anterior

**18,5
milhões**

de toneladas de milho (verão+safrinha),
segundo maior produtor do Brasil

**100 mil
toneladas**

de tilápia, maior produtor do pescado do país

6 milhões

de hectares semeados para o verão, 91% com soja

19,5 milhões

de toneladas de soja, 17% da produção nacional

R\$ 63,7 bilhões

de Valor Bruto de Produção (VBP) agropecuário, 12% do nacional

R\$ 20 bilhões

de VBP da soja, seguido por R\$ 14,8 bilhões do frango

75,9%

da exportação estadual são do agronegócio



Soja, carnes, produtos florestais, açúcar, etanol, cereais e café foram os mais exportados

CRISTO REDENTOR

Símbolo do Rio de Janeiro e do Brasil, construção da estátua levou nove anos até a inauguração em 1931

A estátua erguida no cume do Monte Corcovado, no Rio de Janeiro, já foi reverenciada em canto e verso, como na música “Samba do Avião” (trecho citado abaixo), de Antônio Carlos Jobim (1927-1994). Símbolo da cidade e do Brasil, e reconhecido internacionalmente, o Cristo Redentor, com seus braços abertos em forma de cruz, abençoa os cariocas desde 12 de outubro de 1931, quando foi inaugurado com a presença de peregrinos de todo o mundo.

A ideia de se erguer um monumento em homenagem a Jesus no local vinha desde 1859, quando o padre Pedro Maria Boss (?-1916) diz ter sonhado com a construção da estátua no alto do Monte Corcovado, que tem 710 metros de altura. Sessenta anos depois, o sonho de Boss começou a tomar corpo. Um concurso foi aberto em 1921 para escolher o projeto para o monumento.

O vencedor foi o engenheiro Heitor da Silva Costa (1873-1947). Também

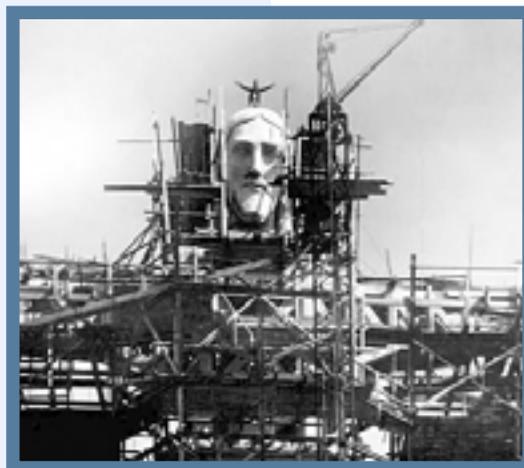
“Cristo Redentor Braços abertos sobre a Guanabara”



participaram da empreitada o pintor Carlos Oswald (1882-1971) e o escultor francês Paul Landowsky (1875-1961), que criou a cabeça e as mãos do Cristo. O rosto é de autoria do escultor romeno Gheorghe Leonida (1893-1942). A estátua é estilo art déco. Movimento artístico em voga na Europa à época.

O Cristo Redentor tem 38 metros de altura, o equivalente a um prédio de 13 andares. Desse total, oito metros são do pedestal. A cabeça e as mãos foram moldadas em Paris (França). O corpo foi feito em concreto armado e pedra-sabão, que foi cortada em pedaços e coladas à mão sobre um tecido e depois aplicada na estátua. O interior é composto por 12 platôs, ligados por escadarias. O monumento foi projetado para suportar ventos de até 250 km/h.

Para arrecadar recursos para a construção do monumento, a Arquidiocese do Rio de Janeiro lançou diversas campanhas. A obra, que durou nove anos, custou cerca de 2,5 mil contos de réis (dinheiro da época), aproximadamente R\$ 10 milhões. Na inauguração, holofotes iluminaram a estátua. O sistema foi acionado de Roma (Itália), a 9,2 mil quilômetros de distância, pelo criador da rádio de ondas curtas Guglielmo Marconi (1874-1937).



Unidos pela raiz

Pesquisa integrada e capacitação de produtores são as estratégias para recuperar a produtividade da mandioca



Plantio direto na cultura de mandioca é uma das estratégias que vem sendo trabalhadas para recuperar a produtividade

O pesquisador da Embrapa Mandioca e Fruticultura Marco Antônio Rangel é da unidade mandioca e Fruticultura que fica em Cruz das Almas, na Bahia. Mas desde 2010 ele se estabeleceu em Londrina (região Norte), para desenvolver pesquisas para a mandiocultura na região Centro-Sul do Brasil, que tem suas próprias características.

A vinda de Rangel faz parte de uma estratégia que envolve toda cadeia produtiva da mandioca para retomar sua produtividade. A mandioca é uma cultura que está presente na grande maioria dos municípios do Paraná. A raiz está incrustada na nossa cultura alimentar, sendo uma das maiores heranças gastronômicas dos povos indígenas. Atualmente essa cultura passa por um período de modernização, com novas tecnologias e técnicas de manejo chegando ao campo, diminuindo a distância entre os laboratórios de pesquisa e as lavouras comerciais.

A estratégia de atualização da produção, também inclui a realização de seminários e dias de campo para levar novas tecnologias e técnicas de manejo para os produtores rurais. Segundo o coordenador do Centro Tecnológico da Mandioca (Cetem), Claudemir Grolli, estes eventos têm como objetivo transferir o que há de mais novo em tecno-

logia de produção para os mandiocultores da região. Nos últimos dois anos, cerca de 70 produtores participaram destes eventos na região de Paranavaí (Noroeste). No momento, o foco deste trabalho está na introdução de novos cultivares e na difusão de boas práticas agrícolas, entre elas o Plantio Direto (PD). Frequentemente utilizada na cultura da soja esta técnica consiste em deixar sobre o solo uma camada de palha e restos vegetais para diminuir o impacto das máquinas agrícolas e da chuva. A produção de mandioca no Paraná foi estimulada na região do Arenito Caiuá, solo de características arenosa e suscetível a erosão, o PD aumenta a matéria orgânica e protege a terra desse e outros males. Além de ser uma prática conservacionista que recupera a fertilidade da terra. “Aqui na nossa região, onde o solo é arenoso, o plantio direto é extremamente bem-vindo”, observa o produtor e engenheiro agrônomo Cleto Lanziani, da região de Paranavaí.

O objetivo das ações é melhorar a produtividade, reduzir a suscetibilidade a ocorrência de doenças e vírus e estimular a produção. Segundo Grolli, do Cetem, na década de 1980, a média de produtividade no Estado girava em torno de 58 toneladas por hectare. Hoje essa média é de cerca

de 33 ton/ha, sendo que, de acordo com o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria Estadual e Agricultura e Abastecimento (Seab), a média na safra 2016/17 foi de 24,2 ton/ha.

Com 30 anos de experiência na lavoura, o produtor Lanziani, conta que presenciou grandes mudanças na cultura. “A evolução foi muito grande, desde o plantio manual para a mecanização, até o registro de herbicidas próprios”, afirma.

Hoje já existem máquinas para o plantio das ramas de mandioca no sistema de PD, porém, segundo Grolli as variedades disponíveis no Paraná terão que ser adaptadas para esse tipo de manejo. Hoje existem cultivares com estas características sendo desenvolvidas pela Embrapa. “Esses materiais estão sendo testados. Acreditamos que em um ou dois anos já estejam difundidos”, diz Grolli.

Segundo Rangel, da Embrapa, outra nova variedade deve estar no mercado no ano que vem, desta vez trata-se de um cultivar voltado à indústria, com resistência às principais doenças que ocorrem na região e com ciclo mais rápido. “Queremos um produto que responda no primeiro ciclo, que possa ser colhido com 12 meses. Ficar no campo muito tempo gera custos e aumenta os riscos”, avalia. Outras características são a facilidade para o descasamento e maior quantidade de amido na raiz.

Pesquisa integrada

A sinergia entre órgãos de pesquisa, produtores e indústria é um objetivo que vem sendo perseguido há alguns anos na região Noroeste do Paraná. Segundo o presidente do Sindicato Rural de Paranavaí e vice-presidente da FAEP, Ivo Pierin Júnior, está em andamento um trabalho junto à Câmara Setorial da Mandioca do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa) para fomentar a produção científica voltada às demandas dessa cadeia produtiva. Para isso foi formada uma rede com pesquisadores de diversas regiões para facilitar o diálogo, a troca de informações e experiências. “É uma operação para otimizar o uso dos recursos e trabalhar sob a demanda do setor produtivo”, observa Pierin.

O diálogo entre instituições de pesquisa permitirá a otimização dos esforços direcionados ao desenvolvimento dos trabalhos, evitando que estudos semelhantes sejam desenvolvidos de forma paralela. “Queremos evitar que duas, três entidades façam a mesma coisa, hoje estamos trabalhando mais integrados”, observa Claodemir, do Cetem. Além disso, é necessário o trabalho em parceria para que as instituições de pesquisa desenvolvam projetos que atendam a realidade prática do campo. “Está ocorrendo uma convergência de todos os atores que podem influenciar nesta cadeia:

FAEP, Fiep [Federação das Indústrias do Paraná], Iapar [Instituto Agrônomo do Paraná], Embrapa, universidades”, observa Pierin. Uma das ações para apoiar esse processo através da Câmara Técnica do Mapa é um projeto de apoio à pesquisa. “Os editais de pesquisa seriam construídos a partir da demanda real. Vai dar mais foco às pesquisas e agilizar esse processo”, avalia o dirigente.

Cultura importante

Além de reunir a maior parte da produção da raiz, é na região de Paranavaí que está o maior parque industrial brasileiro para produção de fécula. 40% de toda produção brasileira vêm das fecularias do Noroeste paranaense.

Na temporada 2016/17, segundo o Deral, a raiz ocupou 125.716 hectares em todo Estado, gerando uma produção de pouco mais de 3 milhões de toneladas. Para a safra 2017/18, a previsão é de estabilidade, podendo sofrer uma redução máxima de cerca de 1% da área. A estimativa para esta temporada é de uma produção de 3,2 milhões de toneladas.

Diferente de outros anos, quando parte da produção é deixada na terra para o ano seguinte, este ano a raiz foi praticamente toda colhida. “Normalmente sobra 25% de mandioca de um ano para o outro, mas esse ano, por conta dos bons preços, os produtores ‘rasparam o tacho’”, observa o analista do Deral, Methódio Groxko. Segundo ele, o preço pago pela raiz alcançou picos de R\$ 650 e R\$ 700 por tonelada neste ano, o que é considerado bastante atípico.

Apesar da boa remuneração, a produção não tem para onde crescer pois depende muito da mão de obra, que é cada vez mais escassa. Essa é outra faceta da atividade, sua importância na geração de emprego e renda no campo.



Marco Antônio Rangel, da Embrapa: pesquisa alinhada com a produtividade

Sindicato de Guarapuava comemora jubileu

Jantar marcou a celebração das bodas de ouro da entidade



Rodolpho Luiz Werneck Botelho, presidente do Sindicato Rural de Guarapuava e o diretor secretário da FAEP Livaldo Gemin

O Sindicato Rural de Guarapuava (região Centro Sul paranaense) completou 50 anos de fundação em 18 de outubro. Para marcar o seu Jubileu de Ouro, a direção da instituição organizou um jantar no dia 7 de dezembro, no Spazio Vecchia. O evento contou com a presença de 450 pessoas, entre produtores associados à entidade, membros da atual diretoria e de gestões anteriores, representantes de instituições e empresas parceiras e autoridades. O diretor secretário da FAEP, Livaldo Gemin, representou a entidade na cerimônia.

“Agora, cada vez mais, precisamos de que o produtor rural venha, se congregue, esteja junto com o seu sindicato, pois os desafios estão aí e virão mais ainda numa época difícil do nosso país”, ressaltou Gemin, em seu discurso.

Atualmente, a entidade possui 1.050 associados e extensões de base em Candói e Cantagalo. O presidente Rodolpho Luiz Werneck Botelho, agrônomo e agropecuarista, comanda a entidade até 2019. “Esta comemoração de 50 anos é uma data marcante porque mostra a união do setor, da classe rural em prol dos seus objetivos”, ressaltou Botelho.

Para o presidente, o apoio dos associados e da classe produtora rural foi fundamental para consolidar o Sindicato

Rural de Guarapuava. “Cada vez mais o sindicato tem uma representação firme, forte e atuante, não só em nível municipal, como regional e também estadual. O sindicato hoje é uma entidade que é escutada. São levadas em consideração as suas demandas, seus questionamentos”, afirmou.

Violeiro

A programação da celebração dos 50 anos do Sindicato de Guarapuava teve o lançamento da 3ª edição, revista e ampliada, do livro “Guarapuava – Seu território, sua gente, seus caminhos, sua história”, do ex-prefeito do município Nivaldo Krüger. Também foram homenageados os ex-presidentes presentes no evento, Cláudio Marques de Azevedo e Armando Araújo; e representando os sócios mais antigos, o presidente da Coamig, Edson Bastos. O evento teve ainda a apresentação do cantor e compositor Yassir Chediak.

O Sindicato Rural de Guarapuava foi criado na década de 1960 e recebeu a carta sindical em 18 de outubro de 1967. Foi fundado por um grupo de produtores liderado por Ruy Virmond Marques. A entidade teve oito presidentes nestas cinco décadas.

50 anos de história

Sindicato de Ribeirão do Pinhal completa cinco décadas de trabalho em favor dos produtores rurais



O presidente do Sindicato Rural *Ciro Alcântara*, prefeito do Município *Wagner Luiz* e o diretor financeiro da FAEP *João Luiz Rodrigues Biscaia*

A comemoração dos 50 anos de fundação do Sindicato Rural de Ribeirão do Pinhal (Norte Pioneiro) foi marcada por uma homenagem da Câmara de Vereadores do município à entidade. Criado em 13 de outubro de 1967, o sindicato recebeu uma “Moção de Aplausos” dos parlamentares pelas cinco décadas de trabalho em prol dos produtores da região.

O município, que já foi considerado a capital do café, hoje tem no crescimento da produção de grãos, como soja, milho, feijão e trigo, a força da economia rural da região. As bovinoculturas de corte e de leite também têm presença significativa.

Por meio dos cursos realizados pelo SENAR-PR solicitados pela entidade, a instituição contribui com a formação de mão de obra especializada para atender às demandas de Ribeirão do Pinhal, que tem 13,5 mil habitantes e completou 70 anos de emancipação também em outubro.

“Temos contribuído com um trabalho importante para o município, atendendo necessidades, trazendo cursos que atendam a formação de mão de obra”, afirma *Ciro Tadeu Alcântara*, presidente da entidade.

Com mandato até 2020, *Alcântara* diz que os objetivos do sindicato para os próximos anos são oferecer novos

serviços aos associados e buscar novas parcerias. “Queremos fortalecer o sindicato, aumentar o número de associados e prestar mais serviços aos produtores”, conta *Alcântara*. “Queremos uma entidade ainda mais forte que atraia sangue novo para a luta sindical.”

Origem

A origem do sindicato, que recebeu a carta sindical em 1967, remete à Associação Rural de Ribeirão do Pinhal, criada em 11 de outubro de 1953. O primeiro presidente foi *Ernesto Hauer Filho*, que dá nome ao auditório da sede do sindicato. Uma homenagem ao pioneiro.

Além de *Ciro Alcântara*, a entidade tem no seu quadro diretivo *Benedito Antonio da Silveira Pinto*, vice-presidente, *Gilberto de Almeida Silva*, secretário, e *Francisco Wanderley Corrales*, tesoureiro. O sindicato participa das comissões técnicas de Bovinocultura de Corte e de Leite, Cafeicultura e de Meio Ambiente da FAEP.

A instituição também presta serviços aos produtores rurais como no preenchimento do Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural (ITR), do Certificado de Cadastro de Imóvel Rural (CCIR) e do Cadastro Ambiental Rural (CAR).

Potencial do Norte para piscicultura

Técnicos do grupo de trabalho formado por diversas entidades identificaram disponibilidade de recursos hídricos, boa estrutura instalada e mercado consumidor



A piscicultura paranaense tem crescido de forma exponencial, o que resulta em novas demandas e desafios. Para mapeá-los o grupo de trabalho formado por técnicos da FAEP, SENAR-PR, Secretaria da Agricultura (Seab), Agência de Defesa Agropecuária (Adapar), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) e Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Ocepar), realizou um giro técnico pela região Norte numa segunda etapa, após terem percorrido o Oeste do Estado em agosto. O diagnóstico aponta grande potencial produtivo, com disponibilidade de recursos hídricos para tanque-rede e escavado, proximidade com o mercado consumidor de São Paulo, além de uma estrutura já instalada para abate da matéria-prima e produção de ração e alevinos.

O giro técnico percorreu sindicatos rurais, frigoríficos, estações de alevinagem, laboratórios e fazendas de produção nas cidades de Rolândia, Londrina, Alvorada do Sul, Cornélio Procópio, Bandeirantes, Itambaracá, Ribeirão Claro e Carlópolis. Assim como no Oeste, a tilápia é a principal espécie, produzida principalmente em tanque-rede no rio Paranapanema.

Na maior parte dos municípios, o ciclo de produção da tilápia é, na média, de 170 dias, quando o animal atinge 900 gramas, com 38% de rendimento de filé. Por meio de futuros investimentos no melhoramento genético, especialistas projetam que é possível reduzir para 120 dias, com cerca de 40% de rendimento de filé. Isso impactaria diretamente no custo de produção. Inclusive, algumas em-

presas do setor estão investindo em linhagens mais adaptadas as baixas temperaturas.

“Atualmente, o melhoramento genético é focado apenas no ganho de peso. Mas não descartamos o desenvolvimento de espécies mais adaptadas ao frio. O clima é o maior desafio para a piscicultura do Paraná quando comparada a outros Estados produtores”, diz Ricardo Luis Schloegel, gerente da unidade de Rolândia da Aquagen. A empresa norueguesa especializada em melhoramento genético do salmão recentemente desembarcou no Brasil para investir no mesmo processo voltado para tilápia.

No município de Alvorada do Sul é possível identificar o peso da piscicultura na economia local. A atividade é a terceira principal, atrás apenas da soja e do milho. A produção iniciou com investidores que possuíam chácaras a beira do lago da Usina Hidroelétrica de Capivara. Atualmente, são 14 produtores que administram as fazendas com, em média, 350 tanques de tilápias. Em 2016, a produção da cidade atingiu 2,8 mil toneladas.

De olho no potencial da cidade, entidades de Cornélio

Procópio buscam revitalizar a operação da planta frigorífica com capacidade para abater até 90 toneladas por dia. Para isso, 22 produtores da região criaram a Cooperativa Agroindustrial de Aquicultores do Norte do Paraná (Coaqui). No momento, o trabalho da entidade é voltado para a reativação dos tanques escavados, pois é preciso seis toneladas diárias de peixes para filetagem.

Em Carlópolis, o projeto está mais adiantado. A Cooperativa de Pescadores e Aquicultores do Norte Pioneiro (Coopanopi) possui um condomínio de produção em tanque-rede e um frigorífico que abate duas toneladas por dia. Dependendo do avanço da produção, o projeto é ampliar a capacidade do frigorífico para 10 toneladas/dia.

De forma paralela, um projeto fomenta a produção em tanque escavado. Para viabilizar e agilizar o processo, a Companhia de Desenvolvimento Agropecuário do Paraná (Codapar) cedeu uma máquina, durante 6 meses, para a escavação dos tanques. A prefeitura municipal fornecerá o operador da máquina e os produtores custeio do combustível.

LEGISLAÇÃO

Adapar estende prazo para plantio da soja

A Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar) publicou, no último dia 21 de dezembro, a Portaria nº 345, que estende até 14 de janeiro de 2018, excepcionalmente para a safra 2017/18, o prazo para semeadura da soja, sucedendo as culturas de feijão ou milho.

No documento, a Adapar alega condições meteorológicas adversas ocorridas no mês de setembro deste ano, que atrasaram a instalação e o desenvolvimento das culturas.

O documento reforça “a necessidade de implementar ações para preservar a eficiência dos fungicidas indicados para controle da ferrugem asiática da soja”.

A FAEP ressalta que a recomendação do Zoneamento Agrícola de Risco Climático (Zarc) para semeadura da soja no Paraná é até 31 de dezembro, dependendo do município, conforme estabelecido na Portaria nº 16, de 20 de julho de 2017, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). O zoneamento é um instrumento de gestão de risco agrícola observado pelo governo federal nas políticas agrícolas e pelos agentes financeiros e companhias segu-

radoras, portanto, o plantio após período definido pelo Zarc impede o acesso à subvenção do prêmio do seguro rural e à indenização de sinistros no Proagro ou do seguro rural.



Por onde anda a *Helicoverpa armigera*?

Lagarta que aterrorizou produtores na temporada 2013/14 continua presente nas lavouras, mas sob controle



O ano era 2013, as notícias chegavam quase diariamente informando a presença de uma nova vilã nas lavouras brasileiras. Uma lagarta, com um apetite tão voraz que chegava a comer até mesmo plástico, estava devorando a soja na Bahia e logo estaria atacando as plantações paranaenses.

A *Helicoverpa armigera* tornou-se sinônimo de destruição e prejuízo no meio rural, trazendo um clima de apreensão, principalmente, na safra 2013/14. Quatro anos depois, por onde anda essa lagarta que tanto alarde causou?

Segundo o pesquisador Daniel Ricardo Sosa Gomez, da Embrapa Soja, ela ainda está por aí, porém, não apresenta grandes riscos para a região Centro-Sul do país. “Ela está presente em todo o Brasil. Nos nossos levantamentos de campo, percebemos que ela está por aqui, mas devido à baixa densidade não causa dano econômico”, diz. Gomez foi um dos pesquisadores que atestou a presença da lagarta no Brasil anos atrás. “Depois fizemos levantamentos em museus e coleções para ver há quanto tempo

o inseto estava no país. Encontrei uma primeira ocorrência em 2008, em Rolândia (Norte do Paraná)”, recorda.

O que ocorreu no Brasil em 2013 e 2014, segundo Gomez, provavelmente foi uma conjunção de fatores (condições climáticas, ausência de inimigos naturais, etc.) que possibilitou que a população da lagarta aumentasse, trazendo riscos para algumas regiões mais quentes do país. “Hoje ela continua presente, mas está sob controle. Por isso, o agricultor deve monitorar a lavoura, fazer as recomendações do MIP [manejo integrado de pragas] e utilizar inseticidas no momento certo para não eliminar os seus inimigos naturais”, adverte.

Esta é a mesma recomendação do coordenador estadual de grãos da Emater, Nelson Harger. “No Paraná, aqueles produtores que monitoraram as lavouras e não entraram com produtos muito agressivos na fase inicial, notaram que os outros insetos parasitas provocaram o controle da lagarta”, observa.

Na sua avaliação, o alarde causado pela lagarta teve um aspecto positivo. “O Paraná adotou uma estratégia excelente com a chegada da *Helicoverpa*. Passou-se a monitorar as lavouras. Serviu para ressuscitar o manejo integrado de pragas no Estado”, avalia.

O temor dos produtores levou à criação de informes da presença da *Helicoverpa* nas lavouras, e à tentativa de importação de inseticidas mais agressivos para controle (o que foi impedido no Paraná). A lagarta chegou até o programa da apresentadora Ana Maria Braga, que informou com terror sobre o surgimento de uma nova ameaça para o agronegócio brasileiro. “Em 2013, foi uma certa histeria, não um surto. Houve uma propaganda nacional por conta dos casos ocorridos na Bahia”, lembra Harger. “Hoje, o grande problema da soja no Paraná continua sendo o percevejo. Praticamente não existe reclamações sobre *Helicoverpa*”, afirma.

Resistência

Apesar de não causar dano econômico à agricultura paranaense, a *Helicoverpa armigera* não é de todo inofensiva. Segundo Daniel Ricardo Sosa Gomez, da Embrapa Soja, existem estudos que mostram como a lagarta é resistente aos inseticidas do grupo dos piretróides. “Quando ela entrou no Brasil trouxe a resistência junto”, afirma.

Recentemente foi constatado um ataque de *Helicoverpa* em uma área em Goiás, plantada com soja Intacta RR Pro, variedade transgênica que deveria ser imune a este tipo de lagarta. De acordo com o pesquisador da área de entomologia da Embrapa Soja, Adeney de Freitas Bueno, ainda é cedo para afirmar que a lagarta ficou resistente a esta tecnologia. “É uma suspeita. Houve uma falha de

controle. Precisamos saber se não misturou sementes e se a soja expressou a proteína BT na quantidade que deveria”, observa.

Para comprovar que o inseto se tornou de fato resistente, seria necessário levar espécimes para laboratório. “A resistência tem que ser genética, passando de geração para geração”, explica Bueno, que adianta que a empresa desenvolvedora desta variedade está coletando insetos na região para verificar este fato.

“Independentemente desta resistência ser comprovada ou não, é importante adotar táticas de manejo de resistência para que esta tecnologia não se perca”, declara o pesquisador. Para isso, o produtor não pode deixar de plantar as áreas de refúgio, que são parcelas que correspondem a 20% de um mesmo talhão, onde são colocadas soja convencional em meio às variedades transgênicas. Com isso, os insetos sem a resistência a esta tecnologia continuarão se reproduzindo e cruzando com possíveis insetos resistentes, diminuindo assim a resistência. “Também é importante que nessa área seja adotado o MIP, para não matar os insetos suscetíveis”, orienta Bueno.

Na opinião do pesquisador, se os produtores continuarem a manejar incorretamente esta tecnologia transgênica, sem adotar o MIP, tampouco as áreas de refúgio, mais rapidamente irão surgir espécies resistentes, tanto a inseticidas quanto à soja com tecnologia BT.

“Pelo menos que isso [o caso de Goiás] sirva de alerta. Não estamos fazendo o manejo de resistência que deveríamos”, aponta Bueno. Segundo ele, mesmo que seja comprovada a resistência da lagarta à soja BT, isso não significa que de uma hora para outra essa tecnologia é descartada. “Perde para uma lagarta, mas ainda é eficaz para outros insetos”, avalia.



SENAR-PR prepara novos extensionistas

Nova turma da Emater recebe formação inicial



O SENAR-PR e a Emater uniram forças para promover a capacitação inicial dos novos extensionistas aprovados em concurso e contratados pela empresa estatal no ano passado. Segundo o coordenador estadual de métodos de extensão da Emater, Roberto Carlos Guimarães, trata-se de um curso de integração funcional, que serve para introduzir os novos colaboradores em suas funções e balizar os conhecimentos, já que são contratadas pessoas com formação em diversas áreas, como agrônomos, veterinários, zootecnistas, assistentes sociais, economistas, entre outros. “Não existe uma formação específica para lidar com o nosso público”, afirma.

A Capacitação Inicial de Novos Extensionistas (Cine) é realizada desde 1956, mas anteriormente seu formato era presencial e durava entre duas e quatro semanas. Agora, pela primeira vez, foi aplicada uma nova metodologia. “Fazer com as metodologias tradicionais não seria o mais adequado”, diz Guimarães.

O superintendente do SENAR-PR, Humberto Malucelli Neto, defende a parceria com a empresa estatal em prol do produtor rural. “Essa relação com a Emater é relevante para que tenhamos uma extensão rural conectada.

Isso qualifica a ação das duas instituições e também o resultado que chega ao produtor”, avalia.

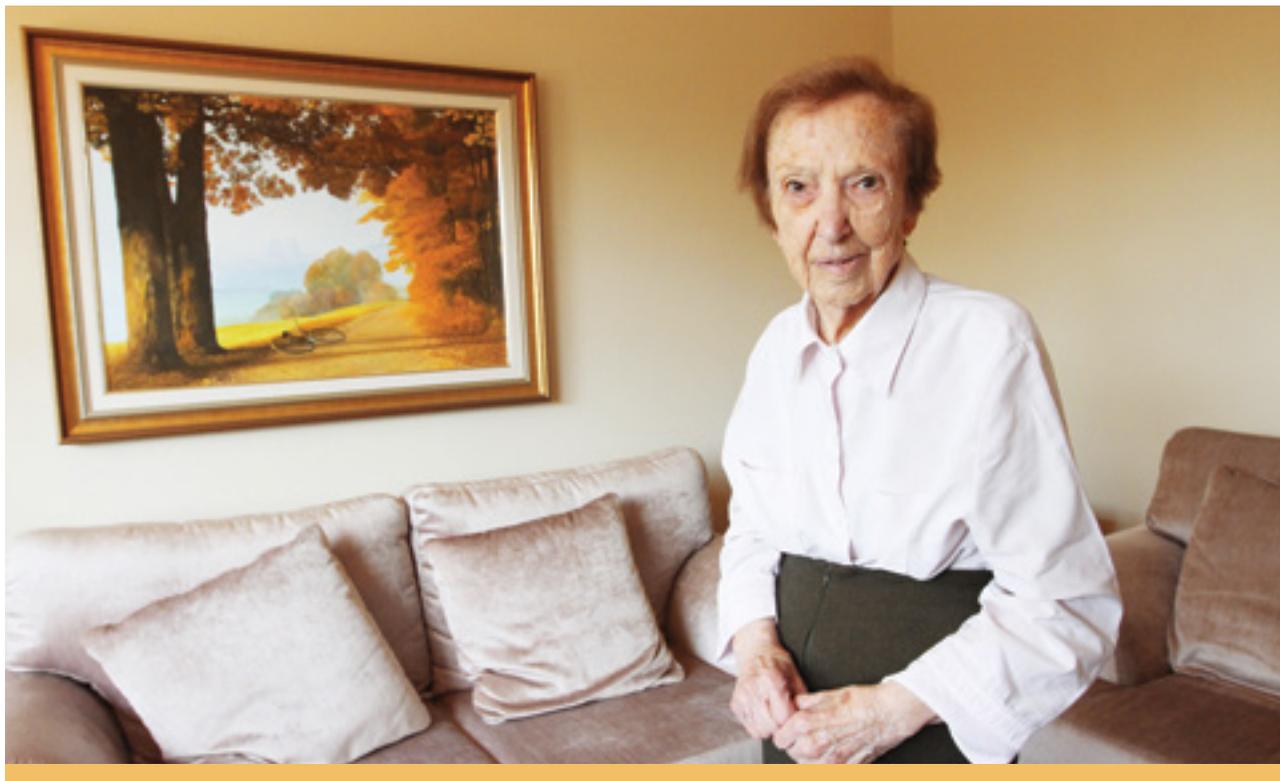
A capacitação contou com 230 horas, divididas entre setembro de 2016 e novembro de 2017, e envolveu 143 participantes. Uma das novidades é a aprendizagem baseada em problemas. “A gente prepara um problema real para o participante, que ele encontrará na prática do dia a dia. Ele se reúne em um grupo de oito pessoas para fazer um diagnóstico e depois tem 15 dias para se preparar e trazer a solução daquele problema”, explica Guimarães.

Outra inovação é o “mentoring” (termo inglês para tutoria), no qual cada participante escolhe um extensionista com vasta experiência para conversar e tirar dúvidas sobre a realidade da extensão rural.

Para o engenheiro de Segurança do Trabalho Guilherme Figueiredo, um dos integrantes da nova turma de extensionistas, a capacitação valeu a pena. “Foi bem interessante para a gente ser introduzido numa cultura que já existe há muito tempo e que tem vários processos e áreas de atuação. Vimos muitas coisas que não são do nosso dia a dia. Isso certamente vai acrescentar no nosso trabalho”, diz.

Alegria centenária

Proprietária rural completa 100 anos de vida e ensina que o bom humor é fundamental para manter a jovialidade



Manter-se em atividade e conservar sempre o bom humor são os melhores remédios para garantir a longevidade. Questionada sobre o segredo de uma vida longa em plena atividade, com lucidez e disposição, a proprietária rural Ismênia Pinheiro Machado Chelles respondeu: “puxa, minha esperança era que você me contasse, eu também quero saber”.

Proprietária de uma fazenda na região de Ponta Grossa (Campos Gerais), Ismênia é personalidade conhecida no Sindicato Rural do município, já que é ela mesma quem paga as guias de contribuição, os funcionários da propriedade e cuida das contas. “Faço tudo isso por que não tem quem faça”, diz a senhora, que completou um século de vida no último dia 10 de dezembro com uma bela festa.

Da infância ela lembra com carinho dos dias na fazenda, onde os avós maternos criavam gado. Na juventude estudou história e depois de formada lecionou em Ponta Grossa. Há relatos que foi a primeira motorista de automóvel da cidade. Certa feita, durante uma excursão pela Europa conheceu José Chelles, o homem com quem viria a se casar. “Voltamos e fomos morar no Rio de Janeiro”, relembra com saudade dos tempos de ouro da “Cidade

Maravilhosa”, quando a capital fluminense não era tão violenta como hoje em dia.

Caçula de oito irmãos, entre eles o ilustre jurista Brasil Pinheiro Machado (nomeado prefeito de Ponta Grossa em 1932 e posteriormente interventor do Estado do Paraná em 1946), Ismênia voltou para o Paraná após a morte do esposo, e se estabeleceu em Curitiba, mas sempre cuidando de perto da propriedade em Ponta Grossa.

Apesar de não se envolver nas lidas da lavoura (hoje ela arrenda suas terras), ela tem prazer em cuidar da casa da fazenda “faço horta, pomar, gosto de ficar lá”, diz ela, que se considera uma pessoa feliz ao chegar em tão avançada idade cercada por familiares e pessoas queridas. “Como casei tarde não tive filhos, mas tenho muitos sobrinhos”, conta Ismênia, que em uma soma rápida chegou ao número de 26 sobrinhos e sobrinhas.

Com uma vida tranquila e caseira, ela conta que possui um “baú cheio de saudade”, referindo-se às pessoas que passaram pela sua vida e já partiram, mas essa saudade não é suficiente para tirar-lhe o sorriso de menina do rosto. “Perdi tudo, marido, pais, irmãos, mas não perdi a alegria”, afirma.

Mão de obra garantida

Neste ano, Aprendizagem de Adolescentes e Jovens capacitou 148 jovens para atuarem em empresas de cana-de-açúcar, avicultura e outras atividades agrícolas



Ivaté

Ao longo de 2017, o programa Aprendizagem de Adolescentes e Jovens (AAJ), criado em 2010 pelo SENAR-PR, capacitou 12 turmas em nove usinas do grupo Santa Terezinha instaladas nas cidades de Iguatemi, Terra Rica, Tapejara, Cidade Gaúcha, Rondon, Umuarama, Goioerê, Ivaté e Paranacity. No total, 148 alunos estão preparados para trabalhar em empresas de cana-de-açúcar, avicultura e outras atividades agrícolas. A formatura dos últimos três municípios – Umuarama, Ivaté e Paranacity – ocorreu na véspera do Natal.

Desde 2010, quando foi implantado pela entidade na unidade de Ivaté do grupo Santa Terezinha, o programa já capacitou mais de 850 alunos, em 70 turmas espalhadas por todo o Estado.

O AAJ conta com 960 horas, sendo 240 horas para o núcleo básico, 240 horas para núcleo específico e 480 horas de prática profissional. Durante o programa paranaense,

com duração de um ano, os jovens se dividem entre o conhecimento teórico da sala de aula e o dia a dia na prática. O aluno passa por todas as áreas das empresas para identificar a atividade do seu interesse.

Exportando conhecimento

O sucesso do AAJ tem atraído a atenção de outras federações do país. Recentemente, diretores da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de São Paulo (Faesp) estiveram no Paraná para conhecer o programa, com o propósito de minimizar o problema de mão de obra. O Estado paulista é

o maior produtor de açúcar e etanol do país. Porém, as 140 usinas sucroalcooleiras estaladas enfrentam problemas com a escassez de mão de obra qualificada.



Umuarama

Citros paranaenses têm novo status sanitário

Resolução coloca o Estado como Área sob Sistema de Mitigação de Risco para o Cancro Cítrico



O Paraná foi reconhecido como Área sob Sistema de Mitigação de Risco (SMR) para o cancro cítrico, doença causada pela bactéria *Xanthomonas citri* subsp. *citri*, que ataca os citros (laranjas, limões, tangerinas etc.). A medida consta na Resolução nº 18, publicada no Diário Oficial da União de 8 de dezembro.

A resolução certifica que o Estado possui todos os requisitos para diminuir o risco da transmissão da bactéria por meio da comercialização de frutos *in natura*. O cancro cítrico é uma doença que interfere em acordos comerciais que implicam no trânsito de produtos (frutas) para outros Estados e países. A medida, assinada pelo secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Luis Eduardo Pacifici Rangel, atesta a condição e a qualidade sanitária dos pomares paranaenses.

“Essa resolução admite que a bactéria está presente nos pomares de citros, porém sob controle oficial, que atrelado às orientações dos assistentes técnicos e à certificação fitossanitária, garante a não disseminação da praga”, explica o coordenador de sanidade da citricultura da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar),

José Croce Filho. A resolução atende à Instrução Normativa nº 37/2017 do Mapa.

Para poder ser considerado área sob SMR, o Paraná precisou cumprir uma série de requisitos, como possuir variedades de plantas resistentes à doença, pomares com proteção de quebra-vento, realizar pulverizações preventivas com bactericida e efetuar o tratamento de frutos pós-colheita. “O Paraná tem todos os requisitos necessários para ter este status”, observa Croce Filho. Segundo ele, a bactéria existe no Estado, porém está oficialmente sob controle. “O Estado tem uma situação sanitária muito segura. O Paraná implantou a sua citricultura em cima destes requisitos”, afirma.

Croce explica que, diferente do greening (ou HLB), que é uma doença altamente destrutiva para os pomares, mas que não impacta na comercialização, o cancro cítrico é um limitador de mercado, uma vez que a doença pode ser transmitida pelos frutos contaminados. No caso do greening, a transmissão se dá pela ação de um inseto vetor, o psilídeo.

De acordo com o texto da Resolução nº 18, a medida não vale para os seguintes municípios: Adrianópolis, Agudos do Sul, Almirante Tamandaré, Araucária, Antonina, Balsa Nova, Bocaiuva do Sul, Campina Grande do Sul, Campo Largo, Campo Magro, Cerro Azul, Colombo, Contenda, Curitiba, Doutor Ulysses, Fazenda Rio Grande, Guaraqueçaba, Guaratuba, Itaperuçu, Mandirituba, Matinhos, Morretes, Paranaguá, Pinhais, Piraquara, Pontal do Paraná, Quatro Barras, Rio Branco do Sul, São José dos Pinhais, Tijucas do Sul e Tunas do Paraná.

Segundo Croce Filho, estes municípios são considerados área livre da doença no Estado, conforme levantamentos amostrais oficiais de campo, que durante cinco anos atestam esta condição de exploração comercial de citros, com a adoção também de boas práticas agrícolas, porém de forma preventiva e não curativa, como no SMR.

O que é o valor de referência do Conseleite?

É necessário ter cautela quando comparar informações divulgadas por diferentes fontes



Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Paraná (Sindileite), em 2002 foi instituído o Conseleite-PR. Desde então, o Conselho divulga mensalmente o preço de referência para o leite no Estado.

Esse preço de referência para o leite é determinado pela capacidade de pagamento dos derivados lácteos, a partir do preço de venda e do volume de cada produto comercializado pelas indústrias participantes. Essas informações são monitoradas pelo órgão independente do Conseleite, a Universidade Federal do Paraná (UFPR) que mensalmente apresenta os resultados desse monitoramento e, conseqüentemente os valores de referência para o Conselho.

As reuniões do Conseleite ocorrem mensalmente na terça-feira mais próxima do dia 15 de cada mês e o Conselho divulga o preço de referência para o leite padrão entregue no mês anterior a ser pago no mês

corrente além de uma projeção para o leite sendo entregue no mês corrente, a ser pago no próximo mês.

Os valores de referência dizem respeito ao leite padrão que tem as seguintes características: 3,5% de gordura, 3,1% de proteína, 500 mil células somáticas por ml, 300 mil ufc por ml de contagem bacteriana e volume médio anual de produção de até 299 litros por dia.

No entanto o preço recebido por cada produtor varia de acordo com a qualidade e volume do leite entregue. A Câmara Técnica do Conseleite-PR, formada por representantes dos produtores e das indústrias, sob coordenação da UFPR, trabalhou em diversas reuniões durante esse ano para adequar o simulador dos valores de referência para leites de diferentes qualidades e volumes.

Após aprovadas pela diretoria, foram incluídas no Simulador escalas ágios para a qualidade do leite acima do padrão de até 18% e ágios de volume de até 8%. Essa alteração busca estimular a valorização da qualidade nas negociações entre

O ano de 2017 foi desafiador para a pecuária leiteira. A retração no consumo de lácteos no final da cadeia afetou todos os elos. A indústria encontrou dificuldade para comercializar os derivados lácteos, derrubando os preços dos produtos no atacado. Dentro da porteira, os produtores sofreram os impactos do estreitamento das margens pela queda nos preços pagos no segundo semestre. Dependendo da escala e do sistema produtivo, muitos produtores tiveram margens negativas no período.

Nesse cenário, os preços divulgados exercem maior impacto no mercado. Frequentemente, o valor de referência para o leite padrão divulgado pelo Conselho Paritário de Produtores e Indústrias de Leite do Estado do Paraná (Conseleite-PR) é comparado com os preços divulgados por Secretarias de Governo, Centros de Pesquisa de Universidades, Consultorias e outras fontes. No entanto, é necessário cautela nessas comparações.

Resultado da parceria entre a FAEP e o Sindicato da

indústrias e produtores e aproximar os valores de referência dos preços efetivamente pagos aos produtores paranaenses. O Simulador está disponível para acesso público no site do Conseleite-PR (www.conseleitepr.com.br).

Vale lembrar que os valores de referência não contemplam outros parâmetros que também podem ser considerados pelo mercado para estabelecer o valor final do leite a ser pago ao produtor, tais como:

1. Fidelidade do produtor junto ao laticínio;
2. Distância da propriedade ao laticínio;
3. Qualidade da estrada de acesso à propriedade rural;
4. Temperatura de entrega do leite;
5. Capacidade dos tanques de resfriamento de leite da propriedade;
6. Tipo de ordenha;
7. Adicionais de mercado devido a oferta e procura pelo leite na região;

Por tudo isso, o valor de referência difere dos preços efetivamente pagos ao produtor.

Como comparar o valor do Conseleite com os preços divulgados por outras instituições?

O importante para comparar é: quando o Conseleite divulga o valor de referência para o mês de novembro – significa o preço para o leite entregue em novembro a ser pago em dezembro. Todas as outras instituições quando divulgam o preço do leite de um mês se referem

ao preço do leite entregue no mês anterior. Então, cuidado para não comparar informações diferentes! Tem que comparar coisas iguais, ou seja – leite entregue em novembro com leite entregue em novembro. E não em tempos diferentes!

O valor de referência, como apresentado acima, é para o leite padrão – qualidade e volume bem definido. Mas os preços efetivamente pagos aos produtores segundo outras instituições já incluem as bonificações de qualidade e volume que as indústrias pagam aos produtores, além dos sete parâmetros mencionados anteriormente.

Dessa forma, pode ocorrer divergências entre os preços divulgados pelas diferentes entidades, já que utilizam metodologias distintas na composição dessa informação. É mais prudente a comparação do valor de referência considerando a qualidade e o volume com os valores líquidos pagos ao produtor. Embora o leite seja comercializado no livre mercado, ou seja, os preços são determinados conforme a oferta e procura, iniciativas como o Conseleite-PR buscam aumentar a transparência no processo de formação do preço do leite e proporcionar um canal de diálogo entre indústrias e produtores no Estado.

Nordon Rodrigo Steptjuk

Assessor Técnico – DTE|FAEP

Colaboração: Prof.(a) Vania Di Addario Guimarães e Prof. José Roberto Canziani.

CARTAS

Barcelona e marsupiais

Joel Domingos Demattê, de São Carlos do Ivaí, nos escreveu para fazer duas correções na edição nº 1414 deste Boletim Informativo. A primeira é com relação ao Barcelona que recebeu em 2016, 32 milhões de turista, o que a coloca a frente de Hong Kong.

Ele também afirma que Marsupiais só existem na Austrália e faz menção a gafe do prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, ao mandar fazer piada de que enviaria um canguru para a delegação Australiana durante as Olimpíadas, pois o animal oficial da Austrália é o coala.

Tentando dirimir a questão, o site todabiologia.com afirma que os marsupiais são animais mamíferos que se caracterizam pela presença de uma bolsa central, situada na região abdominal e conhecida como marsúpio. Nesta

bolsa, as fêmeas carregam e amamentam seus filhotes. Animais como o canguru, o gambá, a cuíca, o diabo-da-tasmânia e o coala são chamados de marsupiais.

Ao Boletim Informativo FAEP

Ref nº 1415 28/11 a 04/12/17

Queiram por favor transmitir meus PARABÉNS ao Diogo Vriesman, pela disposição para o trabalho, pela inteligência, por saber perseguir um sonho.

Incansavelmente, repetirei aos jovens esta frase: “É preciso sonhar o impossível, o possível todo mundo faz”.

Atenciosamente,
Christiane Di Scala

Cooperativa Campo Mourão



Foi criada a Cooperativa dos Pequenos Produtores de Campo Mourão no dia 18 de dezembro. O SENAR-PR foi uma das entidades parceiras da iniciativa, que agrega hortifrutigranjeiros e agroindústria, visando o desenvolvimento do município. “Este é um marco para os produtores que há anos lutam para trabalhar de forma mais organizada”, afirma o supervisor da regional do SENAR-PR, Josiel Nascimento que participou do evento.

Ela nasceu com 22 sócios fundadores que agora trabalham no Estatuto Social e regimento interno. Os representantes da mesa diretora serão eleitos na próxima reunião agendada para o dia 22 de janeiro.

Adiada Nota Fiscal Eletrônica

A obrigatoriedade da emissão da Nota Fiscal de Produtor Rural em formato eletrônico (NPF-e) foi prorrogada para o dia 1º de janeiro de 2019. Inicialmente, o prazo para a adequação à NPF-e era dia 1º de janeiro de 2018 para as operações de venda para outros Estados. Dentro do mesmo Estado, as vendas poderiam continuar sendo feitas com a emissão das notas tradicionais de papel. A mudança no prazo foi decidida durante a reunião do Conselho

Nacional de Política Fazendária (Confaz), realizada no dia 15 de dezembro e publicada no Diário Oficial da União do dia 19 de dezembro.

A alteração se deve a questões técnicas que impediam a emissão da Nota Fiscal Eletrônica. Diante disso, a FAEP entrou em contato com as secretarias estaduais da Fazenda (Sefa) e da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seab), solicitando o adiamento do prazo para obrigatoriedade da emissão do documento eletrônico. Em setembro deste ano, a FAEP elaborou um material de orientação para que os produtores rurais pudessem se adequar à emissão da NPF-e.

Prorrogado prazo do Sisleg

O Instituto Ambiental do Paraná (IAP) prorrogou por 90 dias o prazo para protocolo dos pedidos de revisão dos termos de compromisso do Sistema Estadual de Registro da Reserva Legal (Sisleg), conforme estabeleceu a Lei nº 12.651 de 2012.

A Portaria nº 234 foi publicada no Diário Oficial no último dia 20. A FAEP tinha solicitado a prorrogação, por meio de ofício, da Portaria nº 154/2017 que estabelecia a data de 31 de dezembro como prazo final. O documento argumentava que o período de recesso do IAP reduziria ainda mais o prazo para protocolar o pedido já que a portaria foi publicada em agosto deste ano.

Pelo novo prazo, os proprietários terão até o dia 31 de março de 2018 para pedir a revisão, ou serão obrigados a cumprir totalmente o que foi assinado, de acordo com a legislação anterior (antigo Código Florestal).

O site da FAEP tem os modelos de requerimento e documentos necessários para os pedidos de revisão que devem ser protocolados na sede do IAP ou em seus escritórios regionais.

SENAR-PR está credenciado prestadores de serviço

O SENAR-PR está credenciando prestadores de serviço (Pessoas Jurídicas) para prestação de serviços de treinamento no curso Trabalhador na suinocultura. Os interessados têm até o dia 02 de fevereiro de 2018 para se inscreverem, conforme o edital.

Outro edital está credenciando prestadores de serviço para treinamentos na área de bovinocultura de leite.

Para saber mais acesse os editais em nosso site www.sistemafaep.org.br

JAA visita Neat

Os alunos do Jovem Agricultor Aprendiz (JAA), de Ribeirão do Pinhal conheceram o Núcleo de Estudos de Agroecologia e Territórios (Neat) da Universidade Estadual do Norte do Paraná, em Bandeirantes, no último dia 12.

Durante a visita, os jovens conheceram a Estação Agroecológica Experimental "Terra Livre", onde se produz com manejo orgânico verduras, legumes e frutas no sistema de canteiros consorciados, estufa e Sistema Agroflorestal.



LEITOR EM FOCO

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo email: imprensa@faep.com.br com seu nome e endereço.



Enfeite natural - A leitora Nezinha Scolin, de Londrina (região Norte), mandou uma foto da grade de uma casa enfeitada com Cipó de São João. Ela conta que nunca tinha visto a planta em formato de trepadeira.



Pinheiro solitário - Victor Hugo Parolin, de Engenheiro Beltrão (Centro Ocidental paranaense), mandou um registro de um pinheiro e de uma plantação de soja em desenvolvimento na Estrada Senger, no Distrito de Sertãozinho.



ANDIRÁ

TRATORISTA AGRÍCOLA

O Sindicato Rural de Andirá promoveu, de 6 a 10 de novembro, o curso Trabalhador na Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas (Tratorista Agrícola) – Norma Regulamentadora 31.12. Participaram sete pessoas com o instrutor Miguel Jorge Watfe Neto.



CIANORTE

TRATORISTA AGRÍCOLA

O Sindicato Rural de Cianorte realizou, de 16 a 20 de outubro, o curso Trabalhador na Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas (Tratorista Agrícola) – Norma Regulamentadora 31.12. Participaram sete pessoas com o instrutor Lucas David Schemberger.



CENTENÁRIO DO SUL

MOTOSSERRA

O Sindicato Rural de Centenário do Sul organizou, entre os dias 20 e 24 de novembro, o curso Trabalhador na Operação e na Manutenção de Motosserra – Corte Polivalente de Árvores. Participaram seis pessoas com o instrutor Laércio Jorge Kubiak.



MARINGÁ

DERIVADOS DE PESCADO

O Sindicato Rural de Maringá promoveu, nos dias 18 e 19 de outubro, em sua extensão de base em Paçandu, o curso Produção Artesanal de Alimentos – Derivados de Pescado. Participaram 12 pessoas com o instrutor Freddy Mahnic.



PALOTINA

APLICAÇÃO DE AGROTÓXICO

O Sindicato Rural de Palotina organizou, nos dias 30 de outubro a 7 de novembro, o curso Trabalhador na Aplicação de Agrotóxico – Norma Regulamentadora 31.8. Participaram 15 pessoas com o instrutor Paulo Roberto Marchesan.



RENASCENÇA

PANIFICAÇÃO

O Sindicato Rural de Renascença promoveu, nos dias 5 e 6 de dezembro, o curso Produção Artesanal de Alimentos – Panificação. Participaram 15 pessoas com a instrutora Veralice Werle Molossi.



PARAÍSO DO NORTE

APLICAÇÃO DE AGROTÓXICO

O Sindicato Rural de Paraíso do Norte realizou, de 13 a 16 de novembro, o curso Trabalhador na Aplicação de Agrotóxico – Norma Regulamentadora 31.8. Participaram 10 pessoas com o instrutor Hog de Almeida Lattanzio.



RIBEIRÃO DO PINHAL

JAA

O Sindicato Rural de Ribeirão do Pinhal organizou, no dia 12 de dezembro, uma visita técnica da turma do curso Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) à fazenda escola da Universidade Estadual do Norte Pioneiro (Unep), em Bandeirantes. Participaram 24 pessoas com a instrutora Lidiane Barbosa Braga.

VIA RÁPIDA



Onde Judas perdeu as botas

A Bíblia não relata se o discípulo Judas Iscariotes, que teria traído Jesus por 30 moedas, usava botas, mas uma lenda diz que ele teria escondido o dinheiro recebido dos sacerdotes judeus para entregar o Cristo em um par de botas. Como Judas se enforcou descalço, ficou desconhecido o paradeiro do calçado.

Daí a expressão popular, que com o passar do tempo vem servindo para indicar algum local que fica muito longe ou algo difícil de se encontrar.

Censo no paraíso

Dois recenseadores chegam numa casa e perguntam:

- Qual seu nome?
- Adão.
- E sua esposa?
- Eva.
- Incrível. Por acaso a serpente também mora aqui?
- Só um instante, vou chamar minha sogra, diz o homem.

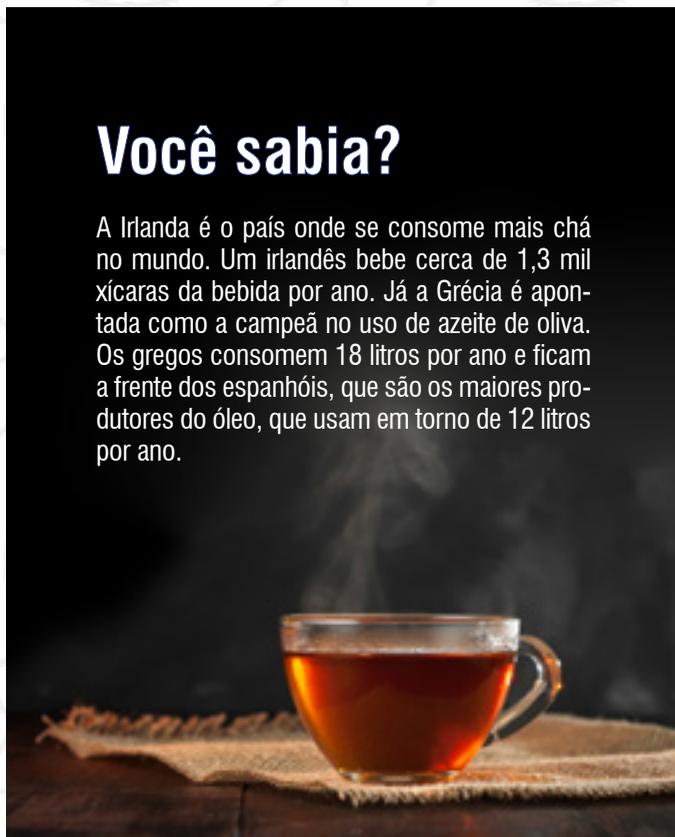


Para onde eu vou?

Você teria coragem de comprar um pacote de viagem sem saber qual será o destino? Pois é essa a proposta que uma empresa trouxe para o Brasil. O interessado entra na página da agência e preenche o formulário. A empresa planeja a viagem com base nas preferências das pessoas. O viajante só descobre para onde vai uma semana antes do embarque. Apesar de ser novo no Brasil, o serviço vem ganhando fãs pelo país.

Você sabia?

A Irlanda é o país onde se consome mais chá no mundo. Um irlandês bebe cerca de 1,3 mil xícaras da bebida por ano. Já a Grécia é apontada como a campeã no uso de azeite de oliva. Os gregos consomem 18 litros por ano e ficam a frente dos espanhóis, que são os maiores produtores do óleo, que usam em torno de 12 litros por ano.



Corte a la Trump

Um corte de cabelo inspirado no presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, faz sucesso em Taiwan. Um cabeleireiro de Changhua criou o modelo, no qual ele raspa a parte de trás da cabeça do cliente para criar o rosto de Trump. O topo da cabeleira do cliente é pintado no peculiar tom laranja.



Dormindo nas alturas

Essa dica é para quem gosta de emoção e não tem medo de altura. No Peru, um hotel foi construído na encosta de uma montanha no Vale Sagrado, no caminho para a Machu Picchu. Os quartos ficam pendurados a cerca de 400 metros de altura. Para fazer o check-in, o hóspede precisa escalar o paredão em grampos de ferro encrustados na rocha, como uma grande escadaria. Para ajudar a subida, ganchos e cordas de segurança. Os quartos têm paredes, piso e teto transparentes. A diária é salgada e custa cerca de R\$ 1 mil.

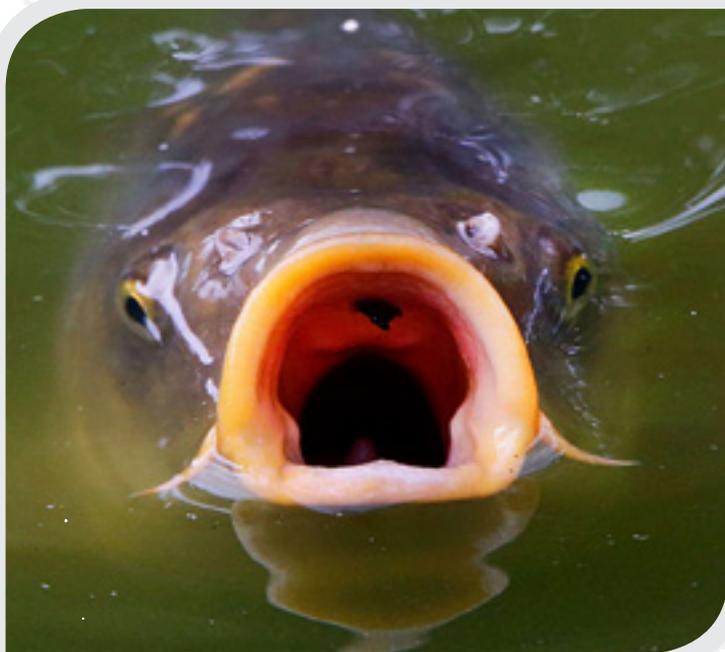


“A vida é cheia de obrigações que a gente cumpre por mais vontade que tenha de as infringir deslavadamente.”

Machado de Assis,
escritor brasileiro (1839-1908).



UMA SIMPLES FOTO



RECEITA DE ANO NOVO

Para você ganhar belíssimo Ano Novo cor do arco-íris, ou da cor da sua paz, Ano Novo sem comparação com todo o tempo já vivido (mal vivido talvez ou sem sentido) para você ganhar um ano não apenas pintado de novo, remendado às carreiras, mas novo nas sementinhas do vir-a-ser; novo até no coração das coisas menos percebidas (a começar pelo seu interior) novo, espontâneo, que de tão perfeito nem se nota, mas com ele se come, se passeia,

se ama, se compreende, se trabalha, você não precisa beber champanhe ou qualquer outra birita, não precisa expedir nem receber mensagens (planta recebe mensagens? passa telegramas?)

Não precisa fazer lista de boas intenções para arquivá-las na gaveta. Não precisa chorar arrependido pelas besteiras consumidas nem parvamente acreditar que por decreto de esperança a partir de janeiro as coisas mudem

e seja tudo claridade, recompensa, justiça entre os homens e as nações, liberdade com cheiro e gosto de pão matinal, direitos respeitados, começando pelo direito augusto de viver.

Para ganhar um Ano Novo que mereça este nome, você, meu caro, tem de merecê-lo, tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil, mas tente, experimente, consciente. É dentro de você que o Ano Novo cochila e espera desde sempre.

Carlos Drummond de Andrade

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ____/____/____
Em ____/____/____ Responsável

Acesse a versão digital deste informativo:

sistematicaep.org.br

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 | Fax 41 3323.2124 | sistematicaep.org.br | faep@faep.com.br

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 | Fax 41 3323.1779 | sistematicaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

